

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE (UNIPLAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

KAIO HENRIQUE COELHO DO AMARANTE

DIMENSÃO EMPREENDEDORA: DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE
ADMINISTRADORES

LAGES, SC
2013

KAIO HENRIQUE COELHO DO AMARANTE

**DIMENSÃO EMPREENDEDORA: DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE
ADMINISTRADORES**

Dissertação apresentada à Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC - Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Acadêmico em Educação, Linha de Pesquisa II: Educação e Processos Sócios Culturais e Sustentabilidade.

Orientadora: Dra. Marina Patrício de Arruda

LAGES, SC

2013

“Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio... e moverei o mundo”.

Arquimedes

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e da racionalidade;

Preciso agradecer a um grupo de pessoas que fez com que este sonho do mestrado se tornasse possível:

Aos meus pais pela dedicação e persistência nesses anos todos, incentivo em nossa casa nunca faltou. Pai, mãe; vocês fizeram um bom trabalho;

À minha esposa Silvine, que esteve ao meu lado nessa jornada, me dando força e apoio quando o cansaço aparecia. Todas as dificuldades que passamos juntos só fortaleceram o que sentimos um pelo outro. Te amo.

Aos meus filhos Nicolás, Gabriela e a pequena Alice, vocês são minha motivação, tudo o que eu fiz, faço e farei tem um grande motivo, vocês.

Aos colegas do mestrado; enfrentamos as incertezas, conhecemos novas visões e juntos construímos conhecimentos, muitos dos quais presentes nas páginas que seguem, nunca esquecerei esta turma;

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação, obrigado por dividir conosco suas vastas experiências profissionais e intelectuais. Os ensinamentos que nos repassaram mudaram muito da nossa ideia de mundo;

A coordenação do curso de administração, na figura do coordenador pelo total apoio e pela confiança disponibilizada na realização deste;

Aos coordenadores das outras graduações nas quais leciono, pela liberação de alguns momentos para que eu pudesse me dedicar aos compromissos do mestrado;

Aos colegas do Senac SC, meu primeiro objeto de estudo, pelo esforço e por acreditarem no meu trabalho;

Aos meus orientadores, sim orientadores, pois foram três nessa caminhada. À professora Ana Maria Netto Machado que iniciou o trabalho ainda em 2011, ao professor Ludimar Pegoraro que acompanhou a mudança de tema até a banca de qualificação e por fim, e em especial, à professora Marina Patrício de Arruda que reformulou a ideologia do trabalho através de novos autores, da sua dedicação e da sua incomensurável paciência com este mestrando indisciplinado.

Enfim, obrigado a todos que participaram direta ou indiretamente desta caminhada. Não chegamos ao fim, estamos apenas começando...

RESUMO

Esse estudo elegeu como objeto da pesquisa o curso de graduação em Administração oferecido pela Universidade do Planalto Catarinense. O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar o processo de formação de empreendedores que pode torna-los agentes de mudanças a partir de um curso de administração. A importância do tema está em discutir processos históricos, sociais e formativos do curso em questão apresentando possibilidades de reflexão e a renovação da atual matriz curricular. Para a metodologia dessa pesquisa, realizamos uma pesquisa bibliográfica, pertinente a toda investigação, de campo e uma análise documental das informações contidas no Projeto Pedagógico e nos Planos de Ensino do Curso de Administração. Para a pesquisa de campo foram aplicados questionários semiestruturados aos estudantes ingressantes e aos concluintes, visando detectar o movimento do processo de formação de empreendedores de acordo com o entendimento dos alunos que ingressam no referido curso e daqueles que saem formados para o mercado de trabalho. As discussões se apoiam no pensamento complexo e na religação de saberes, em substituição a um pensamento que isola e segmenta. Para tanto, a formação do especialista passa a ser problematizada, pois a ciência especializada não explica a vida, por isso a dimensão empreendedora se caracteriza também pela consciência reflexiva de si e do mundo, por uma nova ética da solidariedade, que implica em mudança de atitude. Em uma perspectiva sistêmica em que tudo está relacionado para a construção de um conhecimento, a formação de uma visão empreendedora não pode limitar-se a disciplinas fragmentadas. Percebemos após esse estudo que o processo formativo empreendedor deve ir muito além do simples cumprimento de uma estrutura curricular. Para a formação de um administrador não basta o domínio de conteúdos repassados como verdades concluídas, pois o empreendedor pode ser agente de mudanças, que se dispõe a construir o novo, contribuindo, assim como a universidade que o formou e com a comunidade em que está inserido. Esse estudo possibilitou-nos refletir sobre como o conhecimento está sendo construído na referida graduação e projetar mudanças por meio da aplicação do raciocínio sistêmico. Esta forma de pensamento e de construção de conhecimento transcende à estrutura organizacional hoje posta e gera frutos na comunidade podendo transformar o modo de pensar, gerando a mudança a que o empreendedor se propõe, nesse novo paradigma.

Palavras-chave: Formação. Universidade. Pensamento sistêmico. Empreendedorismo. Administração.

ABSTRACT:

This study chose as the object of research undergraduate degree in Business Administration offered by the University of Southern Brazil. The overall objective of this research was to analyze the process of formation of entrepreneurs makes them agents of change from a management course. The importance of this topic is to discuss historical processes, social and training course in question presenting opportunities for reflection and renewal of the current curriculum. For the methodology of this research, we conducted a literature search, all the relevant research field and a documentary analysis of the information contained in the Education Program and Plans Teaching Course Administration. For the field research were applied semi-structured questionnaires to students entering and graduating in order to detect the movement of the formation process of entrepreneurs according to the understanding of the students who enter the course and that those leaving graduates to the labor market . The discussions are based on complex thought and reconnection of knowledge for the replacement of a thought that isolates and targets. Therefore, the formation of the expert becomes problematic because the specialized science does not explain life. The entrepreneurial dimension is characterized by reflexive awareness of self and the world, a new ethic of solidarity, which implies a change of attitude. From a systemic perspective in which everything is related to construction of knowledge, the formation of an entrepreneurial vision can not be confined to fragmented disciplines. We realized after this study that the entrepreneur training process goes far beyond the simple fulfillment of a curriculum. For the formation of an administrator not just the domain of content passed on as truths completed because the entrepreneur is a change agent who is willing to build the new, thus contributing to the university that formed with the community to which he belongs . This study allowed us to reflect on how knowledge is constructed in such undergraduate and design changes through the application of systems thinking. This way of thinking and knowledge construction transcends organizational structure and bears fruit in the community changing the way of thinking and generating the change to which the entrepreneur is proposed, in this new paradigm.

Keywords: Formation. University. Systems thinking. Entrepreneurship. Administration.

LISTA DE SIGLAS

ABREVIATURA	SIGNIFICADO
ANGRAD	Associação Nacional de Graduados em Administração
CFA	Conselho Federal de Administração
CONSEPE	Conselho de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação
CRAs	Conselhos Regionais de Administração
CRA-SC	Conselho Regional de Administração de Santa Catarina
EAESP	Escola de Administração de Empresas de São Paulo
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IES	Instituição de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PROESDE	Formação de Agentes para o Desenvolvimento Regional
RBS	Rede Brasil Sul
SC	Santa Catarina
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TEA	Taxa de Empreendedorismo em Estágio Inicial
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EDUCAÇÃO E O EMPREENDEDORISMO	18
1.1 AS UNIVERSIDADES E O CONTEXTO ATUAL SOBRE EDUCAÇÃO E EMPREENDEDORISMO	18
1.2 EMPREENDEDORISMO: FORMAR PARA A MUDANÇA?	21
1.2.1 Revendo o conceito de empreendedorismo e sua delimitação	22
2 OS CURSOS SUPERIORES DE ADMINISTRAÇÃO: QUE FORMAÇÃO?	32
2.1 BREVE HISTÓRICO DO CURSO SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL (CFA) – OS CURSOS EM SC	32
2.2 SÍNTESE DA GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NA UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE	35
2.3 O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO SISTÊMICO E DE VISÃO EMPREENDEDORA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROPOSTO PELO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO.	37
3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS	47
3.1 O PERCURSO	47
3.2. O PERFIL DOS ENTREVISTADOS	50
4 A DIMENSÃO EMPREENDEDORA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO	54
4.1 INTERESSES E EXPECTATIVAS DOS ALUNOS INGRESSANTES	54
4.2 ENTENDIMENTO DOS ALUNOS CONCLUINTES ACERCA DA FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR	58
4.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ASPECTOS RELACIONADOS AO ENTENDIMENTO DOS ENTREVISTADOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E O REGISTRO OFICIAL DA UNIVERSIDADE VIA PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO.	63
4.3.1 ANÁLISE DE PLANOS DE ENSINO.	66
4.4 PROPOSIÇÕES SOBRE EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	84

LISTA DE QUADROS

Quadro nº 01	Diferenças entre Empreendedores Adaptadores e Empreendedores Inovadores.....	26
Quadro nº 02	Evolução do Número de Cursos Superiores de Administração....	34
Quadro nº 03	Divisão das IES em SC que ofertam Cursos de Graduação na Modalidade Ensino Presencial.....	35
Quadro nº 04	Idades dos Ingressantes.....	49
Quadro nº 05	Idades dos Concluintes.....	49
Quadro nº 06	Primeira Graduação – Ingressantes.....	50
Quadro nº 07	Primeira Graduação – Concluintes.....	50
Quadro nº 08	Cidade onde reside – Ingressantes.....	50
Quadro nº 09	Cidade onde reside – Concluintes.....	51
Quadro nº 10	Semestre de início desta graduação – Ingressantes.....	51
Quadro nº 11	Semestre de início desta graduação – Concluintes.....	51

LISTA DE FIGURAS

Figura nº 01	Aprendizagem em Circuito Único.....	68
Figura nº 02	Aprendizagem em Circuito Duplo.....	69

INTRODUÇÃO

A ideia de pesquisar o processo de formação de empreendedores se confunde com a minha vivência profissional como docente de cursos de graduação. Iniciei minha carreira no final de 2003 quando recebi um convite de um ex-professor que, naquela oportunidade, coordenava o curso de graduação em Administração de uma faculdade na cidade de Lages, SC. Efetivamente, meu primeiro semestre como docente se deu em 2004 quando lecionei a disciplina Administração de Marketing para a quarta fase do curso de Administração. Nos semestres que se seguiram tive a oportunidade de atuar em outros cursos da instituição, como o de Ciências Contábeis, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Tecnologia em Redes. Importante salientar que nestes cursos sempre lecionei disciplinas voltadas para minha formação acadêmica, ou seja, administração.

Nas primeiras experiências como professor, fora do curso de Administração, pude observar, mesmo de forma empírica, que os acadêmicos dos demais cursos apresentavam em suas falas e relatos, maiores inclinações ao empreendedorismo do que os próprios acadêmicos de administração. Esses alunos, na minha visão docente, demonstravam totais condições de tocar seus negócios com uma maior margem de segurança, em função da sua formação específica. Embora a indagação do porquê ocorria esse fenômeno naquele momento me incomodasse, deixei-a em segundo plano por algum tempo.

Em 2010 desliguei-me daquela instituição de ensino superior retomando a docência, alguns meses depois, no ensino técnico-profissionalizante. Nesta instituição fui convidado a lecionar uma disciplina no curso de pós-graduação (*latu sensu*) denominado “Construção de Cenários”. Embora fosse uma turma pequena, notei que se tratava de um grupo multidisciplinar. Alunos de várias formações profissionais tais como os da informática, engenheiros civis, fisioterapeutas, psicólogos, engenheiros florestais, misturavam-se a um número reduzido de bacharéis em administração. Quando questionei sobre seus objetivos no curso de Gestão Empresarial Estratégica, a maioria dos estudantes informou estar em busca de maiores informações sobre como gerir, de maneira eficiente, eficaz e inovadora

seus empreendimentos. Alguns ainda afirmaram que seu objetivo era “crescer profissionalmente” em empresas nas quais já estavam empregados. Essa minoria era formada pelos “administradores” da turma. Neste momento, aquela dúvida do passado voltou com força à minha memória. O fato do curso de administração não estar formando empreendedores não parecia mais, naquele momento, ser algo isolado, pontual, pertencente apenas àquela instituição de ensino. Aquela repetição do fenômeno sinalizava a relevância do tema para uma investigação mais aprofundada. Neste período já havia iniciado o mestrado em educação, onde estava a ponto de finalizar o primeiro semestre tendo como problema de pesquisa um interesse distinto, mas a dúvida que retornou sobre o fenômeno percebido novamente me fez repensar o projeto e mudar meu foco de estudo para outro que fizesse mais sentido para a minha carreira de professor e administrador.

Neste ínterim fui chamado pela Universidade do Planalto Catarinense para assumir disciplinas nos cursos superiores de Administração e Engenharia de Produção, fato que me dava a possibilidade de discutir e observar mais de perto as dúvidas que tinha, uma vez que a coordenação do curso de Administração se disponibilizou a fornecer toda a documentação necessária para minha dissertação de mestrado. Dessa forma poderia, também, manter contato direto com os formandos, pois uma das disciplinas ministrada, “Plano de Negócios” é oferecida na oitava fase da matriz curricular do referido Curso.

Sob a orientação da Professora Dr^a Marina Patrício de Arruda, definimos então como objeto da pesquisa o curso de graduação em Administração oferecido pela Universidade do Planalto Catarinense. Este passou a ser o nosso foco, tendo em vista a necessidade de formação de empreendedores em um curso superior de Administração. A escolha do tema foi, aos poucos, se tornando muito importante para as minhas reflexões como professor inserido no contexto da Administração e também para o Mestrado em Educação escolhido como campo de produção de conhecimento que tem dentre seus objetivos “Contribuir para o avanço científico e a melhoria da qualidade da Educação local, regional e nacional”.

Nesse sentido, espero também mudar meu processo de formação como educador pois, pela fala de Edgar Morin, vemos que é possível pensar também a necessidade de se repensar a formação do empreendedor pois vivemos hoje um mundo no qual,

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo (MORIN, 2003, p. 30).

Portanto, estudar o empreendedorismo é abrir-se também a uma discussão importante na qual o professor pode estimular a capacidade do aluno de criticar, questionar e construir novas possibilidades no campo pessoal, profissional e social.

A sociedade contemporânea passa por profundas transformações tecnológicas, sociais e comportamentais. Muitas dessas mudanças dizem respeito aos negócios exigindo profissionais inovadores e, portanto, profundas reformulações na forma de educar esses empreendedores. Assim, “o empreendedor é um insatisfeito que transforma seu inconformismo em descobertas e propostas positivas para si mesmo e para os outros. O empreendedor nunca pára de aprender e de criar” (DOLABELA, 2006, p. 54).

O objetivo geral da pesquisa é, portanto, analisar o processo de formação de empreendedores que busca torna-los agentes de mudanças a partir de um curso de administração. Entendemos que, nessa alienação, este trabalho se justifica, portanto, por quatro razões: social, acadêmica, profissional e pessoal.

Referindo-se a questão social entendemos que a visão de uma formação empreendedora não pode ser confundida com simples prática mercadológica, destinada a atender interesses sectários, mas, pelo contrário, deve visar ser uma associação de fatores que definem posições que vão além da lógica mercantil. Nessa visão empreendedora é importante considerar a importância das melhorias sociais tendo em vista a formação de um agente de mudança que encontra na melhoria da sociedade a sua razão de ser. Também entendemos que esse trabalho de pesquisa pode oferecer elementos que ajudem a estabelecer alternativas diferentes daquelas impostas pelo pensamento neoliberal, demonstrando que os empreendedores, que apresentam sólida formação científica social, mesmo vivendo num contexto que prioriza aspectos do mercado, podem desenvolver ações que ultrapassam esses mecanismos quando priorizam ações que se justificam socialmente, entendendo para além do mercado, o mundo do trabalho.

Do ponto de vista acadêmico, a questão empreendedorismo está muito presente. Como profissional da área, percebo que há um aumento considerável do debate sobre essa temática. As universidades comunitárias necessitam avaliar a direção dos processos formativos para que os profissionais por elas formados busquem ser agentes de mudanças, porque isto representaria um aumento da qualidade de vida. Portanto, esse tema se caracteriza como um tema pertinente e atual. Ainda, as universidades, como instituições que expressam a sociedade, precisam estar atentas às questões que envolvem as relações do mundo do trabalho, desenvolvendo nos seus alunos uma perspectiva empreendedora que não seja apenas a formação de mão de obra para o mercado, mas de intervenção nesse mercado, através de alternativas responsáveis que visem a geração de bem estar para a comunidade como um todo.

Considerando a questão profissional, esse trabalho se justifica pelo fato do pesquisador estar envolvido profissionalmente como professor dos cursos de graduação em Administração e Engenharia de Produção nas disciplinas de Plano de Negócios, Administração de Marketing, Teoria das Organizações e Gestão de Serviços, na UNIPLAC. Esse estudo se relaciona a esse contexto de discussão e amplia nossas perspectivas e responsabilidades, pois ampliando, pela pesquisa, nossos horizontes de compreensão dos fenômenos sociais, nossa contribuição acadêmico-pedagógica será mais consistente.

O desenvolvimento profissional não pode ser separado da trajetória pessoal. Assim sendo, nosso interesse pela pesquisa se torna ainda mais consistente, pois, além do interesse pelo tema temos curiosidade em conhecer como esse processo está sendo desenvolvido na universidade já mencionada. Para tanto estaremos também nos inspirando nas problematizações feitas por Morin sobre os saberes necessários à educação do futuro. Segundo o referido autor,

A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana (MORIN, 2000, p. 55).

Além desses elementos apontados acima, a complexidade humana incorpora o físico, o biológico, o psíquico, a cultura, o social histórico e ético por

meio da estrutura indivíduo/sociedade/espécie. Compete ao ser humano buscar o conhecimento, interpretar os aspectos ambíguos da realidade, sem desconsiderar essa multidimensionalidade. Somos ao mesmo tempo indivíduos, pertencemos à espécie *Homo sapiens* e somos seres sociais. Essa complexidade guia esse projeto de pesquisa cuja temática instiga o professor permitindo-lhe reflexões profissionais e sociais para o curso de Administração que ora integro.

A pertinência deste tema, cujo objeto de estudo é um curso de administração de uma Universidade situada numa cidade de médio porte do sul do país, tornou-se relevante também para o programa de Mestrado em Educação e para a Linha de Pesquisa “Educação, Processos Socioculturais e Sustentabilidade”, na qual me insiro, por discutir processos históricos, sociais e educativos formativos. Tornou-se também importante tanto pelo estudo do processo formativo quanto pelas possibilidades de sugestões de adequações da atual matriz curricular que desse estudo podem advir.

Para a efetivação dessa pesquisa, realizamos uma pesquisa bibliográfica, pertinente a toda investigação, seguida da investigação de campo e uma análise documental nas informações contidas no Projeto Pedagógico e nos Planos de Ensino do Curso de Administração em estudo. Para a pesquisa de campo foram aplicados questionários semiestruturados aos estudantes ingressantes e aos concluintes, visando detectar o movimento do seu processo de formação como empreendedores, de acordo com o entendimento dos alunos que ingressam no referido curso e daqueles que saem formados para o mercado de trabalho.

O estudo iniciou-se por meio de um levantamento bibliográfico objetivando elucidar nossas principais categorias de pesquisa, ou seja, formação, empreendedorismo, universidade e administração. Após traçarmos o “estado da arte”, passamos a análise dos documentos citados no parágrafo anterior e realizamos a aplicação do instrumento de pesquisa. Realizamos em seguida a tabulação e a apresentação dos dados, confrontando as informações obtidas com aquelas disponibilizadas nos documentos oficiais do curso. Por meio desse procedimento metodológico foi possível perceber as contradições do processo.

Isto posto, definimos uma estrutura composta por quatro capítulos que representam nossa linha de raciocínio em busca de informações sobre a formação do empreendedor em um curso de administração.

O primeiro capítulo tem como tema central a relação entre universidade, devido ao seu caráter formativo, e empreendedorismo. Neste momento foram apresentadas ideias de autores renomados como Santos (2004), Senge(1990) e outros tantos sobre o atual momento da universidade, a carência de uma formação empreendedora numa perspectiva humanizadora, e o pensamento sistêmico como apoio em uma alternativa de formação. Tratamos sobre o atual panorama do empreendedorismo no país, ressaltando conceitos sobre esta categoria e a atual situação dos empreendedores tanto na esfera nacional quando na regional. Foi apresentado também o processo formativo baseado na visão sistêmica, demonstrando que a formação do administrador-empreendedor depende de muitas variáveis e que estas influenciam tanto as pessoas quanto às organizações em um processo de aprendizagem contínuo. Este capítulo foi desenvolvido usando como metodologia a pesquisa bibliográfica junto às obras dos autores supracitados.

O segundo capítulo traz o tema educação e os cursos superiores de administração. Abordamos nele o histórico dos cursos de administração do Brasil, chegando ao nosso objeto de estudo, o curso de Administração da Universidade do Planalto Catarinense, SC. Ainda neste ponto, focamos o pensamento sistêmico, defendido por Peter Senge no seu livro “A Quinta Disciplina” (1990), refletindo o processo de formação do empreendedor e suas variáveis interdependentes.

A metodologia da pesquisa está descrita no terceiro capítulo. Neste estágio explicamos como se deu a concepção do questionário semiestruturado, bem como foi sua aplicabilidade. Enfatizamos também o método de análise de conteúdo segundo Bardin (1994) que nos auxiliou no tratamento dos dados coletados e nas informações contidas nos documentos oficiais do curso de administração. Fizemos também uma análise comparativa entre as respostas ou percepções dos acadêmicos que estão em fase inicial frente às percepções daqueles que estão prestes a concluir tal graduação

Por fim, o quarto capítulo destaca os resultados obtidos nos questionários confrontando-os com o discurso do referido curso através de seus documentos. O objetivo deste capítulo foi o de discutir a visão de todos os envolvidos na pesquisa, mostrando como compreendem que está sendo tratada a formação de empreendedores no curso. Para avaliar esta formação, utilizamos conceitos da

learning organization adaptando os questionamentos de Morgan (1996) à atividade da universidade como geradora de conhecimento.

1 EDUCAÇÃO E O EMPREENDEDORISMO

Neste capítulo iremos apresentar alguns apontamentos acerca do posicionamento das universidades frente ao processo formativo e suas relações com o empreendedorismo. Iniciamos esta discussão tendo como referências as idéias de vários autores dentre os quais destacam-se Edgar Morin e sua discussão sobre a educação do futuro, de Peter Senge sobre a mudança na formação do empreendedor e de Boaventura de Sousa Santos (2004) e sua obra *Universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*.

Para desenvolver este capítulo, utilizamos como metodologia de pesquisa uma revisão bibliográfica, que nos permitiu apresentar uma síntese do contexto atual na formação de empreendedores.

1.1 AS UNIVERSIDADES E O CONTEXTO ATUAL SOBRE EDUCAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

Antes de nos aprofundarmos na análise do curso de administração faz-se necessário buscar um entendimento sobre como as universidades tem sido gerenciadas em um tempo de metas e geração de resultados a curto prazo.

Chauí (2001), em suas indagações, dá destaque a um raciocínio sobre qual o papel ou qual deva ser a relação da universidade com a sociedade. Sua crítica está exatamente sobre a posição da instituição de ensino no contexto social, e como isto é cobrado pela sociedade:

[...] a universidade é uma instituição social. Isto significa dizer que ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que é e faz parte. Não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada (CHAUÍ, 2001, p. 35).

Portanto, de acordo com o pensamento defendido pela autora, podemos compreender que as universidades comunitárias, como a UNIPLAC, foco da pesquisa, têm como finalidade trabalhar em prol do desenvolvimento do local no

qual está instalada, assim como a universidade estadual tem seu papel para a geração de um conhecimento transformador no âmbito do território estadual, tal como sua nomenclatura informa.

Percebemos que a universidade tem papel fundamental neste contexto, pois é através dela que professores são formados, que novas propostas são desenvolvidas, é nela também que a ciência se desenvolve, e a partir dela que esta também deve ser aplicada. Portanto, a universidade deve estar presente em tempo integral na vida das outras instituições de ensino, independentemente de seu porte ou de sua tipologia.

Santos (2004) apresenta em seu livro os dois processos que direcionam a transformação ou migração da universidade de um modelo educacional para um modelo empresarial.

Os dois processos marcantes [...] – o desinvestimento do Estado na universidade pública e a globalização mercantil da universidade – são duas faces da mesma moeda. São os pilares de um vasto projeto global de política universitária destinada a mudar profundamente o modo como o bem público da universidade tem sido produzido, transformando-o num vasto campo de valorização do capitalismo educacional (SANTOS, 2004, p. 18).

Para que se alcance esta estrutura empresarial, o autor ainda salienta que a universidade se vê forçada a privatizar parte dos serviços que presta a ponto de dividir-se em centros de custos. O segundo nível deste projeto global consiste;

(...) em eliminar tendencialmente a distinção entre universidade pública e privada, transformando a universidade, no seu conjunto, numa empresa, uma entidade que não produz apenas para o mercado, mas que se produz a si mesma como mercado, como mercado de gestão universitária, de planos de estudo, de certificação, de formação de docentes, de avaliação de docentes e estudantes. Saber se e quando este segundo nível for atingido ainda fará sentido falar de universidade, como bem público, é uma questão retórica (SANTOS, 2004, p.19).

Então, em um ambiente maior, a universidade irá produzir a tecnologia que será revertida em produtos, que serão comprados pela comunidade "atendida" pela universidade. Algo muito semelhante ao que acontece com as grandes "nações" ou corporações, que exploram a mão de obra e os recursos materiais das nações "menos importantes" e que algum tempo depois, no auge de sua benevolência,

disponibilizam para estes menos afortunados a possibilidade de comprarem seus produtos.

Santos (2004, p.67) enfatiza que “em vez de democratização, houve massificação e depois, já no período da alegada pós-massificação, uma forte segmentação do ensino superior com práticas de autêntico *dumping* social de diplomas e diplomados [...]”.

Percebemos então a existência de certa hierarquia educacional, ou seja, o grau de escolaridade estará relacionado em muitos casos à classe social na qual o indivíduo se originou.

Entretanto, segundo Moraes (2001), para que compreendamos as universidades hoje, por primeiro, precisamos entender como se dá o modo de relacionamento de cada instituição universitária com sua realidade social mais próxima e quais os seus modos de inserção na ordem internacional do conhecimento. Segundo o autor há um controle do conhecimento, existe diferença entre os países e, conseqüentemente, na universidade e no Brasil há uma diferença interna: existem as universidades centrais (minorias), conhecidas por produzirem conhecimento/saber, com bibliotecas e laboratórios bem organizados e professores reconhecidos e as universidades periféricas (maioria), distribuidoras e reprodutoras de conhecimento.

Embora essa não seja a discussão central desse trabalho convém destacar diante do exposto, a importância de se buscar contruir uma universidade crítica, capaz de compreender seus limites e suas possibilidades, para lutar contra as desigualdades que refletem o poder econômico, político contido em toda história de nossas universidades.

Lampert (1997), a este respeito, ressalta a necessidade dos que constroem e trabalham na Universidade democratizar o ensino e buscar amenizar as graves questões sociais, resgatando as dimensões epistemológicas éticas e pedagógicas para uma transformação do ensino comprometendo-o com a maioria da população. Nesse sentido, endossando essa possibilidade de ampliar essa discussão é que encaminhamos nossas discussões para o caminho da “reforma do pensamento e uma conseqüente reforma da Universidade” a partir da formação de empreendedores em uma nova abordagem.

Nesse viés de formação, por meio do tripé ensino, pesquisa e extensão, Santos afirma que

O modelo de conhecimento universitário convencional domina ainda hoje os cursos de graduação, mas sobre uma crescente interferência do conhecimento pluriversitário ao nível da pós-graduação e da pesquisa. O fato de as universidades orgânicas tradicionais terem sido montadas pelo modelo universitário explica em boa parte a resistência destas concederem à pós-graduação e à pesquisa a centralidade que devem ter nas próximas décadas (2004, p. 74-5).

O autor salienta a importância da retomada das universidades para o papel de construção do conhecimento, para além do simples repasse de informação. Isso, segundo ele, será conseguido recolocando a pesquisa no patamar que lhe é de direito.

1.2 EMPREENDEDORISMO: FORMAR PARA A MUDANÇA?

Para melhor entender o atual panorama do processo de formação de empreendedores, nosso estudo partiu de questões gerais para, na sequência, podermos discutir aspectos específicos. Iniciaremos pela evolução do conceito de empreendedorismo, tomando cuidado para delimitá-lo à categoria criação de empresas, pois toda e qualquer ação que gere alguma mudança pode ser considerada como ação empreendedora e isto tornaria imenso o campo de estudo para discutir e elucidar o conceito de empreendedorismo partimos das idéias do economista austríaco Joseph Schumpeter (1963) e caminhamos rumo ao pensamento sistêmico e o termo de tensão criativa, elaborado por Peter Senge (1990) que permitiu a reflexão sobre uma formação mais ampla e complexa do administrador-empendedor. Para tanto, retomamos, sinteticamente, conceito de empreendedorismo no Brasil, tendo como principal fonte de informação o relatório desenvolvido pela *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)*. Este documento é o mesmo utilizado pelo Serviço de Apoio à Micro e Pequena empresa (SEBRAE) para fundamentar suas atividades que visam aperfeiçoar a atividade empreendedora no país.

1.2.1 Revendo o conceito de empreendedorismo e sua delimitação

O empreendedorismo nasce pela vontade do ser humano em fazer algo. Portanto, toda e qualquer pessoa em sua vida empreendeu em várias situações, começando, por que não dizer, pelos primeiros passos ou pela primeira engatinhada.

A palavra empreendedor deriva da palavra inglesa *entrepreneur*, que por sua vez deriva da palavra *entreprendre*, do francês antigo, formada pelas palavras *entre*, derivada do latim *inter* - que significa reciprocidade - e *preneur*, derivada do latim *prehendere* - que significa comprador. A combinação das duas palavras, *entre* e *comprador*, significa simplesmente intermediário (DEGEN, 2009, p. 06)

Entretanto nos dias de hoje, este papel de intermediário se apresenta, na maioria das vezes, uma visão míope da real importância do empreendedorismo para as economias das sociedades. Já em 1961, o economista austríaco, Joseph A. Schumpeter, em seu clássico livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, alia o papel do empreendedor ao processo de destruição criativa. De acordo com esta teoria, o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica vigente, conservadora, pela introdução de novos produtos e serviços, pela organização de novas formas de organização e pela utilização de novos tipos de recursos. Neste conceito ficam evidentes dois temas importantes, a ordem econômica e a destruição criativa.

Entende-se por ordem econômica a posição que uma empresa ocupa dentro do seu ramo de atuação. Quando o empreendedor entra neste ramo, ele desestrutura essa ordem, alterando a participação percentual dos outros participantes, reorganizando, em seguida, uma nova ordem, até que esta seja alterada novamente. Esta introdução surge a partir do segundo conceito, denominado destruição criativa. Ainda segundo Degen (2009) a destruição criativa reflete o impulso que mantém operante o motor capitalista, gerando a substituição dos produtos/serviços existentes por substitutos, mais adequados aos desejos da demanda, subvertendo sem trégua a estrutura econômica vigente criando outra mais forte do que a anterior.

Embora o termo destruição possa soar como gerar ruína, ou forçando uma descontinuidade, a ideia estabelecida no conceito é de melhoramento, aprimoramento ou adaptação aos novos desejos do mercado. Para evitar tal interpretação, iremos substituir o termo destruição por reconstrução criativa, demonstrando que ele é o marco inicial das inovações ou adaptações tecnológicas que geram os modelos gerenciais, produtos e serviços que nos são ofertados atualmente.

A reconstrução criativa é um conceito similar ao desenvolvido por Charles Darwin (1809), a seleção natural das espécies. Tal teoria defende que as espécies sofreram adaptações em sua genética a fim de manterem-se ativas no ambiente em que viviam, mudando muitas vezes suas constituições físicas. Esta mudança surge em função de muitas variáveis externas, incontroláveis, que agem de maneira sistêmica sobre o indivíduo, forçando-o a adaptar-se ao ambiente. Essa adaptação, tanto das pessoas como das organizações frequentemente geram aperfeiçoamentos internos e externos, e, portanto, são fundamentais no processo de desenvolvimento de novos conhecimentos.

Em meio a diferentes discussões teóricas é que o nosso raciocínio busca fortalecer essa construção a partir do pensamento sistêmico, e nesse sentido, Senge (1990, p. 15) sustenta que

(...) os negócios e outros trabalhos realizados pelo homem também são sistemas, o que significa que são amarrados por fios invisíveis de ações inter-relacionadas, que levam anos para desenvolver plenamente os efeitos que uma exerce sobre as outras.

Desta forma, é preciso estar atento a várias e diferentes intercorrências, que tornaram as relações humanas cada vez mais complexas. Sobre os anseios do empreendedor, como agente de mudança fazendo uso do conceito de reconstrução criativa, podemos vislumbrar uma relação com a teoria da tensão criativa de Senge.

Segundo o autor (1990, p. 144) a tensão criativa “é a força que entra em ação no momento em que identificamos um objetivo em desacordo com a realidade atual”. Quanto maior o distanciamento entre o objetivo e a realidade atual, maior será a tensão criativa, da mesma forma que puxamos um elástico entre duas mãos. Quando as mãos distanciam-se aumenta a tensão no elástico.

Em termos de mercado, podemos considerar esse desacordo como algum déficit da oferta gerado pela falta de produto, pela defasagem tecnológica, pelo mau atendimento, ou por qualquer outro elemento ou situação que crie desconforto ao consumidor ou usuário.

Senge (1990) ainda alerta que, pelo fato da tensão criativa agir sobre as percepções do gestor, e por este ser uma pessoa, portanto com sentimentos, outra tensão pode surgir neste sistema, a tensão emocional:

A dinâmica para aliviar a tensão emocional é traiçoeira porque pode agir sem ser notada. A tensão emocional sempre pode ser aliviada ajustando-se o pólo da tensão criativa que está sempre sob nosso absoluto controle – o objetivo. Os sentimentos que nos incomodavam desaparecem porque sua fonte (a tensão criativa) foi reduzida. Nosso objetivo fica mais próximo da realidade atual. Escapar da tensão emocional é fácil – só que o preço é abrir mão do que realmente queremos: nosso objetivo (SENGE, 1990, p.145).

Uma vez que a reconstrução criativa depende das variáveis externas que nos são apresentadas e que forma a realidade atual, podemos observar uma inovação nos conceitos trabalhados por Senge. Para que a reconstrução possa ser executada de maneira satisfatória, propõe o autor que é necessário o domínio da tensão criativa. Segundo Senge (1990, p. 147) “ao dominarmos a tensão criativa, nossa postura diante da realidade muda radicalmente, e passamos a encará-la como um aliado. Uma noção clara e precisa da realidade é tão importante quanto um objetivo bem definido”.

Senge (1990) dá destaque às diferentes instituições como verdadeiros locais onde se aprende e onde todos são aprendizes, as “*learning organizations*”. Para ele o processo das instituições tem mais a ver com a capacidade de aprender dos indivíduos do que com os recursos materiais, naturais ou com as competências. Isso porque aprender não significa reproduzir comportamentos ou memorizar, é preciso desenvolver a capacidade de reflexão e a consequente auto-transformação.

Portanto, as mudanças necessárias não ocorrem apenas nas organizações, mas dentro de cada um de nós. “Temos uma profunda tendência para ver as mudanças que precisamos efetuar como estando no mundo exterior, não no nosso mundo interior” (SENGE, 1990, p. 23).

As “disciplinas”, para esse autor, são práticas de aprendizagem, que modificam as pessoas por meio de um processo de formação capaz de fortalecer

habilidades, conhecimentos e experiências. “Quando desenvolvidas em conjunto podem ter um impacto significativo e mensurável sobre o nosso desempenho. Os esforços para desenvolver capacidades de aprendizagem misturam mudanças ‘comportamentais’ e ‘técnicas’[...]” (SENGE 1990, p.25).

Dessa forma, quando aprendemos algo novo estamos a reformar nosso pensamento. Bem no sentido do que Edgar Morin (2000) nos orienta, rumo a uma cabeça bem feita e não a uma cabeça cheia.

As cinco “disciplinas” destacadas por Senge intitulam-se: Domínio Pessoal, Modelos Mentais, Visão Compartilhada, Aprendizagem em Grupo e Pensamento Sistêmico. A Quinta Disciplina permite-nos refletir a luz do pensamento complexo e da reforma e apontando um caminho para a formação de empreendedores em uma nova abordagem.

Assim, a novidade de Senge está no desenvolvimento das disciplinas em conjunto e na reformulação do Pensamento Sistêmico, como a disciplina que contém todas as outras que podem orientar na formação do empreendedor nos dias de hoje.

Prada e Marcilio (2009) propõem um exame mais acurado sobre o princípio chamado “hologramático” destacado por Edgar Morin. Para eles (2009, p.20) “O todo está também dentro da parte; o indivíduo não está somente dentro da sociedade, a sociedade enquanto todo está também no indivíduo”. Existe uma relação fina entre todos os agentes, pois um depende do resultado do outro, de forma sistêmica. Tudo está relacionado.

O paradoxo para Morin é ao descobrir grandes idéias, cujos princípios fundamentais aparecem no final de um processo de evolução - porque sempre o que é mais profundo é o mais escondido, o mais inconsciente - compreendemos então, que tais ideias devem retornar à base, que ao chegarem ao fim, devem retornar ao início. (PRADA e MARCILIO 2009, p.22)

A isso podemos chamar de processo de reconstrução e retroalimentação do sistema. O fim de uma atividade não significa o fim, mas sim o início de outra. Como em uma linha de montagem. Uma célula produtiva só inicia seu trabalho com o produto da célula produtiva anterior. Ao final do processo ocorrerá a retroalimentação do sistema. Incorporarmos, então, a ideia de Morin, em que não há

conhecimento acabado, sempre haverá um outro, que surgirá a partir do que se tem hoje.

A tendência é que a complexidade tome conta de todas as decisões, e o homem aprenderá a agir a partir desses elementos. O paradigma da complexidade que influi na educação e permeia todas as áreas do conhecimento é colocado em prática por meio da transdisciplinaridade, um pensamento que liga e põe fim aos limites entre as disciplinas. Morin (2000) ressalta que um especialista que somente é especialista pode se tornar um perigo para o mundo e para a humanidade, pois a ciência sozinha especializada não explica a vida. Assim, defende a religação de saberes e a substituição de um pensamento que isola e aprisiona por um pensamento que une e liberta: o pensamento complexo. Segundo Prada e Marcílio (2009, p. 22) este pensamento é “possível com uma consciência reflexiva de si e do mundo, uma nova ética da solidariedade, que implica mudança de atitude e perspectiva diante da vida”.

Passamos da ideia de que aprendemos para nós mesmos e partimos para a possibilidade de aprender para o todo, colocando nossas experiências e saberes a disposição do mundo, emitindo e recebendo informações constantemente. Os autores Prada e Marcílio (2009) apresentam um esboço do que pode ser alcançado com a transdisciplinaridade:

Os projetos de desenvolvimento auto-sustentável. A consciência ecológica planetária, a preservação da Terra religando a cultura à natureza. A redescoberta do sagrado e de um novo diálogo entre razão e fé. A religião compreendida como fraternidade universal. O conhecimento transdisciplinar, novas concepções sobre a inteligência e os processos cognitivos. A realidade como uma unidade complexa, teia de interações e significações. E também a necessária relativização do relativismo, com a redescoberta de universais éticos, como a valorização da pessoa, da coletividade e da nossa espécie em dimensões inseparáveis da nossa existência humana. Uma nova ética baseada na reverência pela vida, na generosidade, na comunhão. (PRADA e MARCÍLIO 2009, p.55-6)

A transdisciplinaridade é uma mola propulsora do aprender a aprender e pode levar a educação a um patamar transformador e gerador de mudança e não mais apenas ao simples alcance de títulos e posicionamento no mercado de trabalho.

Ainda sobre o empreendedorismo, Dornelas (2001, p. 37) cita que "empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* sendo utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seus sistemas, seu universo de atuação".

Para Kirzner (1973), o empreendedor é aquele que cria um equilíbrio, encontrando uma posição clara em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, ele identifica oportunidades na ordem presente. Lezana et al (1998, p. 41) cita que "o empreendedor se caracteriza também pela capacidade e pelo estilo de resolver problemas", entretanto, há várias formas para resolução de problemáticas. Quanto a isso, os autores acima citados afirmam existirem dois tipos antagônicos de empreendedores, os Adaptadores e os Inovadores.

Ambos podem ser identificados, ou diferenciados pelo quadro seguinte.

Quadro nº 01: Diferenças entre Empreendedores Adaptadores e Empreendedores Inovadores

ESTILOS PARA RESOLVER PROBLEMAS		
CARATERÍSTICAS	ADAPTADORES	INOVADORES
Estratégia	Tornam os problemas como dados e geram formas para desenvolver soluções melhores, buscando eficiência imediata.	Redefinem o problema relatando as restrições previamente definidas, inventando soluções que lhe pareçam melhores.
Resultados	Geram boas ideias que são suficientes para resolver o problema estabelecido, mas às vezes erram por usar inadequadamente os modelos existentes.	Produzem múltiplas ideias triviais, que parecem inadequadas para outros, mas frequentemente contém enfoques para resolver problemas anteriormente não tratados.
Preferências	Preferem soluções bem estruturadas, sendo melhores para incorporar novos elementos às políticas existentes	Preferem situações não estruturadas, usando novos dados na reestruturação das políticas, sempre dispostos a enfrentar grandes riscos.
Adaptação	Melhoram o que está funcionando, mas em tempos de mudança tem dificuldade para fugir dos papéis estabelecidos.	Aumentam a flexibilidade em tempos de mudança, mas tem dificuldade para trabalhar com formas organizacionais rotineiras.
Imagem	Para os inovadores, são confiáveis, rotineiros,	Para os adaptadores, são pouco práticos e confiáveis,

	previsíveis e restritos pelo sistema.	arriscados, criadores de discórdia e agressivos.
--	---------------------------------------	--

Fonte: Buttner & Gyskiewicz (1993, p24)

Como o foco deste trabalho será a análise da formação dos empreendedores nos cursos superiores de Administração, elegemos os empreendedores inovadores como parâmetro, por entender que estes são os mais preparados para gerar as mudanças necessárias e criar possibilidades dentro de um sistema econômico em colapso. A adoção de empreendedores adaptadores nos levaria a andar em círculos, pois conforme o quadro acima, estes tem dificuldades para fugir de papéis estabelecidos, exatamente como prega o modelo neoliberal.

Sobre a atividade empreendedora no Brasil, algumas informações foram retiradas da pesquisa GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*) do ano de 2010. Alguns dos resultados foram obtidos pelo estudo para posterior análise e tratamento juntamente com os dados obtidos na pesquisa junto às universidades.

A edição de 2010 é a 11^a do estudo que iniciou em 1999, sendo que no Brasil a mesma começou a ser aplicada no ano 2000. Este instrumento já foi aplicado em mais de 80 países, destes, em 13, por mais de 10 anos consecutivos. No Brasil, o principal parceiro é o SEBRAE, sendo que os resultados são publicados e estão disponíveis pela internet e nas agências articuladoras do SEBRAE, espalhadas pelo Brasil.

Segundo o relatório de 2010, divulgado em 26/04/2012, este estudo objetivou medir a diferença entre o nível empreendedor dos países que participam do trabalho e descobrir os fatores favoráveis e os limitantes à atividade empreendedora no mundo, identificando políticas públicas que possam favorecer o empreendedorismo nos países envolvidos.

Um dos principais temas abordados pela pesquisa é a TEA (Taxa de Empreendedorismo em Estágio Inicial) que se refere a pessoas na faixa etária entre 18 e 64 anos envolvidas em atividades empreendedoras na condição de empreendedores de negócios novos, ou seja, com menos de três anos e meio de existência, estes considerados como a fase crítica do negócio.

O relatório ainda aponta uma diferenciação quanto ao propósito do empreendedor, a saber, empreendedores por oportunidade e empreendedores por necessidade:

Vale lembrar que o empreendedorismo por oportunidade é mais benéfico para a economia dos países, onde os empreendedores que iniciaram o seu negócio por vislumbrarem uma oportunidade no mercado para empreender e como forma de melhorar sua condição de vida tem maiores chances de sobrevivência e de sucesso. Em compensação há pessoas que empreendem como única opção, ou seja, pela falta de melhores alternativas profissionais. São os empreendedores por necessidade. Porém, mesmo o empreendedorismo por necessidade pode gerar oportunidades de negócios e se transformar em empreendimentos por oportunidade (Relatório GEM, 2010, p. 39-40).

De acordo com o relatório GEM, o Brasil despontou nestes últimos dez anos como uma nação empreendedora, entretanto há de se tomar cuidado com esta informação. A falta de empreendimentos inovadores não gera a mudança pregada por Schumpeter no seu conceito de destruição criativa, ou como chamamos reconstrução criativa.

Segundo Aguilhar (2012) o Relatório GEM aponta que apenas 10% dos novos empreendimentos brasileiros oferecem ao mercado produtos e serviços verdadeiramente inovadores. Este percentual, segundo a autora, coloca o Brasil no mesmo patamar de Trinidad & Tobago e à frente apenas de Bangladesh, onde o índice é menor que 10%.

Para efeitos de comparação, outro país do CONESUL, o Chile, ocupou mais uma vez a liderança no quesito, com uma taxa de aproximadamente 55% no quesito empreendimentos inovadores.

Aguilhar (2012) salienta que dos empreendedores em estágio inicial, 163 milhões são mulheres, 165 milhões são jovens entre 18 e 25 anos e 69 milhões estão oferecendo serviços ou produtos inovadores.

Para melhor ilustrar o cotidiano dos empreendedores, tomamos como referência os resultados de uma pesquisa feita pelo Instituto Sense Pesquisa e Inteligência de Mercado/RBS e divulgados em março de 2012.

Segundo Dolabela (2003, p. 70) "a grande pergunta que os pesquisadores se fazem é: quais as características dos empreendedores de sucesso?". Esta

pergunta é praticamente indecifrável, visto a quantidade e diversidade de ramos de negócio em que um empreendedor pode atuar. Entretanto, têm-se realizados estudos com o intuito de traçar semelhanças entre alguns casos de sucesso. Sobre esta dificuldade o autor ainda cita:

A pesquisa acadêmica sobre empreendedorismo é relativamente recente e está ligada à grande importância que a pequena empresa exerce no quadro econômico do mundo atual. Esse ramo do saber ainda está em fase pré-paradigmática, já que não existem padrões definidos, princípios gerais ou fundamentados que possam garantir de maneira cabal o conhecimento na área (DOLABELA 2003, p.70).

O empreendedorismo, assim como a gestão, enquadra-se nas ciências sociais aplicadas, estando portanto, em constante mudança e sendo adaptável ao ambiente em que está inserido. Entretanto, o autor ainda apresenta a teoria de que a pesquisa em empreendedorismo deva consistir no estudo do ser humano e dos comportamentos capazes de conduzi-lo ao sucesso. Mas como entender o sucesso? Seria este o conjunto de ações que levam a lucratividade? O fato de fazer o que gosta, gerando assim desenvolvimento pessoal e social? Estas e outras hipóteses serão trabalhadas no último capítulo quando teremos a condição de realizar ligações entre esta contextualização e os dados obtidos na pesquisa.

Degen (2009), no seu livro *Empreendedor: empreender como opção de carreira*, cria uma descrição do empreendedor bem sucedido utilizando as ideias de Shaw, Schumpeter e McClelland respectivamente. Empreendedor para esses autores é alguém que não se conforma com os produtos e serviços disponíveis no mercado e procura melhorá-los; alguém que por meio de novos produtos e serviços procura superar os existentes no mercado; alguém que não se intimida com as empresas estabelecidas e as desafia com o seu novo jeito de fazer as coisas.

Apesar de o perfil do empreendedor bem-sucedido ser quase uma caricatura, ele ilustra duas características importantes necessárias ao futuro empreendedor: primeiro não se conformar com o mundo e tentar adaptar o mundo a si; segundo, ter grande necessidade de realizar a disposição de assumir os riscos e fazer sacrifícios pessoais necessários para ter sucesso (DEGEN, 2009, p.15).

O inconformismo e a proatividade são, portanto, de acordo com o autor, características necessárias para quem almeja ingressar no mundo dos negócios

com ideias próprias. Degen (2009, p.15) ainda cita o dramaturgo irlandês Bernard Shaw¹ (1854 -1950) que defende a tese de que "o homem racional adapta-se ao mundo e o irracional tenta adaptar o mundo a si. Portanto, todo o progresso depende do homem irracional". Diante deste comentário é relevante pensar que o mundo não seria tal qual conhecemos hoje não fosse a proatividade de empreendedores como Cristóvão Colombo, Henry Ford, Graham Bell, Santos Dumont, dentre outros que desconstruíram o que estava posto para realizar sonhos.

Portanto, conforme já dito anteriormente, em função da complexidade de ramos de atuação, é pouco provável que se estabeleça algum estudo altamente eficaz sobre traços do perfil do empreendedor de uma maneira abrangente. O estudo relatado a seguir foi desenvolvido pela *Sense Pesquisa e Inteligência de Mercado/RBS* e teve como foco os empreendedores digitais do Brasil.

O perfil deste empreendedor, nessa pesquisa citada é formado por jovens com menos de 30 anos, com elevado grau de escolaridade. 95% possuem curso superior completo ou em andamento. Destes, 32% pertencem à área da comunicação social. O estudo revelou, ainda, que a maioria pertence às classes A e B, sendo que apenas 25% são mulheres. Sobre capacitação, a pesquisa ainda revelou que estes jovens empresários procuram cursos de pós-graduação nas áreas de administração ou gestão empresarial e de marketing, a fim de adquirir habilidade de gestão direcionada às classes A e B da sociedade. Observa-se, portanto, um *déficit* de conhecimento estratégico administrativo, um dos pilares dos cursos de graduação em administração. Este fato volta a revelar a importância, para o empreendedor e para o fortalecimento do curso de administração, visando formar um indivíduo que possua plenas condições de estabelecer seu empreendimento e forçar a destruição (reconstrução) criativa conforme proposto por Schumpeter, aprender a quinta disciplina proposta por Senge e o pensamento sistêmico de Edgar Morin, que se juntam para fundamentar a formação do empreendedor na perspectiva inovadora.

¹ George Bernard Shaw (1854-1950), dramaturgo irlandês que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, crítico literário, um porta-voz do socialismo e figura de destaque no teatro do século XX.

2 OS CURSOS SUPERIORES DE ADMINISTRAÇÃO: QUE FORMAÇÃO?

Este capítulo tem o objetivo de apresentar dados referentes à formação de administradores, partindo do histórico dos cursos de administração e chegando ao nosso objeto de pesquisa, o curso de administração da UNIPLAC. Para tanto foram coletadas informações junto ao Conselho Federal de Administração (CFA), Conselho Regional de Administração de Santa Catarina (CRA-SC), Ministério da Educação (MEC) além da documentação oficial do curso de administração da UNIPLAC. Outro aspecto explorado neste capítulo é a abordagem sistêmica no processo formativo do administrador, uma vez que este será constituído através do arranjo dos conhecimentos a serem oferecido durante a graduação.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO CURSO SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL (CFA) – OS CURSOS EM SC

De acordo com Bertero (2006) o ensino da administração é antigo, mas a escolarização é algo mais recente, tendo acontecido nos Estados Unidos ou na França. Sabe-se, entretanto que foi nos Estados Unidos que o ensino da administração se fixou nas universidades. Segundo o CFA (2012) os primeiros cursos norte americanos iniciaram no final do século XIX, mais precisamente em 1881 com o surgimento da *Wharton School* mantida pela Universidade da Pensilvânia. No Brasil, o ensino superior em administração iniciou em 1952, sendo oferecido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro e pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) mantida pela Universidade de São Paulo (USP). O CFA ainda enfatiza que nesta época os Estados Unidos formavam por ano cerca de 50 mil bacharéis, 4 mil mestres e 100 doutores.

Com vistas ao desenvolvimento do curso, alguns anos depois a FGV e a Universidade Estadual de Michigan firmaram um convênio propiciando o intercâmbio dos seus professores. Aos professores brasileiros caberiam os cursos de mestrado e doutorado e, aos norte-americanos, repassarem experiências e estudarem o momento econômico pelo qual o Brasil passava:

A primeira turma de administradores formados pela EAESP, em 1958, tinha apenas 17 bacharéis. Tendo o ensino da administração no Brasil começado na Região Sudeste, (Rio de Janeiro e São Paulo), sob forte influência do sistema de ensino americano, com relação à bibliografia, grade curricular, métodos de ensino e conhecimentos transmitidos, este modelo acabou inspirando e servindo de pólo e fonte de referência para a organização dos demais cursos que se constituíram nas diversas regiões do Brasil nos anos que se seguiram (COVRE, 1981, p.92)

A criação destes cursos, de acordo com o CFA (2012) assume papel relevante, pois amplia as possibilidades de organização escolar no país. A Lei número 4.769 que regulamenta o exercício da profissão de administrador, só viria a ser criada anos depois, em 9 de setembro de 1965.

Sobre a evolução do ensino de administração o CFA (2012) registra:

O surto de ensino superior, e em especial o de Administração, é fruto da relação que existe, de forma orgânica, entre a expansão e o tipo de desenvolvimento econômico adotado após 1964, calcado na tendência para a grande empresa. Nesse contexto, tais empresas, equipadas com tecnologia complexa e com um crescente grau de burocratização, passam a requerer mão-de-obra de nível superior para lidar com essa realidade.

Após um ano da regulamentação da profissão de administrador, o Conselho Federal de Educação fixa o currículo mínimo para o curso, através do Parecer nº 307/66, cuja aprovação se deu em 08 de junho de 1966. Segundo o CFA (2012) “as diretrizes do parecer se inspiraram na análise das condições reais da administração no país e nos postulados que emanavam da lei e da doutrina fixada na experiência nacional e internacional”. Voltando ao capítulo anterior, observa-se o mesmo movimento da tensão criativa de Peter Senge (1990) sendo aplicado para a definição deste currículo mínimo.

A elaboração desta estrutura procurava utilizar o conhecimento sistêmico dos fatos, agrupando matérias de cultura geral e condições institucionais; matérias instrumentais, estas contemplando modelos e técnicas conceituais/operacionais e matérias de formação profissional.

De acordo com o CFA, com o Parecer nº 307/66 o curso de administração seria constituído por algumas disciplinas obrigatórias expostas no Anexo 1.

A fim de fiscalizar e controlar o exercício da profissão foram criados, a partir do parecer supracitado, organismos estaduais ligados ao CFA, os Conselhos

Regionais de Administração (CRAs). Estes órgãos iriam fiscalizar e garantir o desempenho da profissão e expedir as carteiras profissionais. De acordo com o CFA (2012) esses organismos e suas ações contribuiriam de forma acentuada para a expansão dos cursos.

O quadro a seguir demonstra a citada expansão dos cursos, tendo como origem os cursos da FGV e da EAESP.

Quadro nº 02 – Evolução do Número de Cursos Superiores de Administração

Décadas	Número de cursos
Antes de 1960	2
1960	31
1970	247
1980	305
1990	823
2000	1.462
2010	1.805

Fonte: MEC – Dados compilados pelo Conselho Federal de Administração (2012)

Realizando uma breve análise dos dados obtidos no quadro acima, podemos observar que o maior crescimento no número de cursos se deu entre a década de 1990 e 2000, com um total de 639 novos cursos. Isso foi em decorrência da criação de um grande número de novas Instituições de Ensino Superior (IES) neste período. Em um ambiente maior, considerando os últimos quarenta anos, observamos a instalação de 1558 cursos em todo o Brasil, uma média de 38,95 cursos novos por ano. Isso fez com que o curso de administração se tornasse uma das graduações mais numerosas uma das que mais formam profissionais por ano Brasil.

Adotando um cenário menor, considerando apenas o universo das IES de Santa Catarina, cujos cursos de administração sejam presenciais, obtemos os seguintes dados:

Quadro nº 03: Divisão das IES em SC que ofertam Cursos de Graduação na Modalidade Ensino Presencial

IES	Quantidade	%
Universidade Federal	02	3,17
Universidade Estadual	01	1,59
Universidade Comunitária	14	22,22
Centro Universitário Municipal	01	1,59
Centro Universitário Privado	02	3,17
Faculdades	34	53,97
Outros (Escola Superior ou Instituto)	09	14,29
TOTAL	63	100

Fonte: O autor, baseado no site www.emec.mec.gov.br

Definimos como parâmetro deste levantamento as IES com cursos presenciais por estes serem da mesma modalidade do nosso objeto de pesquisa. Em termos de Santa Catarina nota-se que as Universidade Comunitárias em conjunto com as Faculdades representam hoje 76,19% dos cursos de administração do estado. Já as Universidades Federais e a Universidade Estadual representam apenas 4,76% do contingente de cursos, mas estes vêm alcançando grande evidência e, há alguns anos figuram entre os melhores cursos de administração do Brasil.

A seguir passaremos a detalhar a estrutura do curso de Administração da Universidade do Planalto Catarinense baseando-se no Projeto Pedagógico do Curso de Administração gentilmente cedido pela coordenação desta graduação.

2.2 SÍNTESE DA GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NA UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

Em 14 de fevereiro de 1974, pelo Decreto Nº 73.650 foi autorizado o funcionamento do curso de Ciências Administrativas da Faculdade de Ciências Econômicas e Contábeis de Lages. O curso de Administração acompanhou e participou juntamente com os demais cursos da instituição de toda a caminhada para que, em 1999, a Uniplac obtivesse a chancela de Universidade. Esta

graduação confunde-se com a história da universidade, portanto, sendo um dos cursos mais tradicionais da região.

A estrutura curricular definida na data supracitada dispunha de 80 vagas anuais, com regime seriado cuja entrada acontecia no primeiro semestre. Esta estrutura prevaleceu até 1996, quando houve a primeira alteração na estrutura curricular.

Nesta nova realidade, acontece a alteração para sistema de créditos e o número de vagas sobe para 80 por semestre. Esta estrutura vigorou de 1997 até 1999. No ano 2000, através do Parecer nº 901 do Conselho de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação (CONSEPE), da IEs foram criadas duas habilitações para o curso de administração: Gestão Empresarial e Gestão em Turismo.

A terceira revisão, que gerou o atual PPC do curso foi criada a partir de resultados obtidos na 4ª edição da Pesquisa Nacional realizada em 2006 pelo CFA. Tal pesquisa contou com a parceria da Associação Nacional de Graduados em Administração (ANGRAD). A pesquisa era voltada às novas demandas de conteúdos, perfil de formação e oportunidades de trabalho para os administradores. Importante salientar que esta nova estrutura incorporou também as novas disposições das Diretrizes Nacionais para o curso de Administração.

Segundo o PPC do curso, esta estrutura está em conformidade com a Resolução nº04 de 13/07/2005 do Conselho Estadual de Educação – Câmara de Educação Superior, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação – Bacharelado em Administração. A estrutura apresentada está definida de acordo com o anexo 2.

A nova estrutura curricular bem como as ementas das disciplinas integrantes da mesma foi aprovada em colegiado, cuja reunião aconteceu em 29/09/2007. Esta nova estrutura contempla também as disciplinas que passaram a ser oferecidas em regime semi-presencial, seguindo a Portaria nº4.059 de 10 de dezembro de 2004.

2.3 O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO SISTÊMICO E DE VISÃO EMPREENDEDORA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROPOSTO PELO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO.

Neste ponto iremos apresentar pontos do documento PPC do curso de Administração que faz menções às seguintes categorias, empreendedorismo, visão sistêmica e inovação. Durante a leitura do documento observamos que por várias vezes estes elementos vêm a tona.

Logo no início do documento podemos perceber a relevância que o empreendedorismo tem no discurso da universidade, quando da apresentação do curso. Segundo o PPC (2008, p.06) “formar cidadãos altamente profissionais, com espírito empreendedor e gestores comprometidos com o desenvolvimento sustentado das organizações e do País é a diretriz a ser permanente seguida”.

No item justificativa social, a categoria empreendedorismo volta a ser citada, e é possível notar também a presença da visão sistêmica. O documento cita que:

Em **sentido restrito**, foi construído para **desenvolver o espírito empreendedor** e de gestor de organizações.

Empreendedorismo e gestão são as duas **linhas de formação** que caracterizam os dois **eixos lógicos**, inter-relacionados e definidores da filosofia do Curso de **formação do bacharel em administração**.

Com esta perspectiva, o Projeto Pedagógico também foi construído de maneira a **possibilitar adaptações às constantes mudanças que caracterizam a alta competitividade do mundo em que vivemos**, bem como para surtir efeitos de compreensão das transformações e de novas exigências no campo da tecnologia, do processo de trabalho, e na dinâmica de desenvolvimento produtivo e econômico. **(grifo nosso)** (PPC, 2008, p. 06)

A Missão do Curso está estabelecida da seguinte forma, segundo o PPC:

Gerar conhecimento para desenvolver talentos que, através da prática profissional, agreguem valores qualitativos no desenvolvimento dos processos: social, econômico, político e cultural, permitindo a melhoria contínua da qualidade de vida da sociedade e o exercício pleno da cidadania.

Esta missão nos leva a entender a importância do profissional de administração na vida da sociedade, interagindo com processos que vão além da organização, portanto, vislumbrando ações sistêmicas ao mesmo ponto que é agente passivo dela.

O Objetivo Geral do curso também apresenta uma relação similar ao pensamento sistêmico e ao empreendedorismo “gerar profissionais para o exercício das atividades relativas aos diversos campos da administração na perspectiva do aprender a aprender”. Senge (1990, p. 135) defende a ideia de que “as organizações só aprendem através de indivíduos que aprendem. O aprendizado individual não garante o aprendizado organizacional, mas sem ele não há como ocorrer aprendizado organizacional”. Isso posto, esta geração de profissionais que sabem aprender são de fundamental importância para o processo de reconstrução criativa de uma sociedade.

Esquecer a forma tradicional e dogmática de repasse de conteúdo, esse é o desafio que nos é apresentado. Muito mais do que absorver conteúdo, precisamos digerir e assimilar a informação, ou melhor, as informações a que temos acesso todo dia. Aprender a aprender, é o processo que leva ao aprimoramento intelectual do indivíduo.

A construção do conhecimento atual é um processo contínuo, infinito:

A busca do "ser" e do "saber" uno e múltiplo nos revela uma ciência que, mais do que a detentora de verdades absolutas e imutáveis, nos aponta para um caminho de novas descobertas e novas verdades que aceitam a complexidade como uma realidade reveladora, em que o ser humano é ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua própria construção e do mundo. (PRADA e MARCILIO 2009, p.15)

Mas cabe a pergunta, será que o ser humano está preparado para esta inundação de informações? Como as organizações encaram este cenário em que as decisões devam ser baseadas em informações e não mais em intuição? Para que uma decisão seja tomada necessitamos de informações, para que elas unidas com nossos valores e conhecimentos prévios possam formar projeções de resultados, entretanto, quanto mais informações dispomos, mais complexa se torna a decisão. Precisamos considerar que somos bombardeados por informações de todos os lados, como nunca antes. Mais e mais fontes surgem todo dia. A complexidade, é portanto, companheira profissional de todos nós, agindo como aliada ou como inimiga, pois somos também emissores de informação:

Complexidade [...] é um conjunto de circunstâncias, ou coisas interdependentes, ou seja, que apresentam ligação entre si. Trata-se da congregação de elementos que são membros e partícipes do todo. O todo é uma unidade complexa. E o todo não se reduz a mera

soma dos elementos que constituem as partes. E mais do que isto, pois cada parte apresenta sua especificidade e, em contato com as outras, modificam-se as partes e também o todo (PRADA e MARCILIO 2009, p.16).

Essa realidade, ou melhor, essa mudança na forma de pensar e de aprender tem reflexos diretos na comunidade escolar, independentemente do nível em que esta se encontre. Prada e Marcilio (2009, p. 18) enfatizam que “é preciso que os membros da comunidade escolar tenham imunologia de si mesmos, o que para Morin significa a autoafirmação e o autoconhecimento que cada indivíduo tem”. Esses membros saem da posição de espectadores e colocam-se a serviço da própria formação, assimilando com maior identidade e agregando valor a todo e qualquer conteúdo que desenvolva seu aprendizado.

Esse é o tipo de autonomia que se espera de um empreendedor. Uma proatividade não apenas relacionada a seu ramo específico, mas uma capacidade de perceber todas as variáveis que o cerca. Para Prada e Marcilio (2009, p. 18) “Só a partir desse processo é que o indivíduo-sujeito se transforma e constrói sua identidade em um aprendizado contínuo, colocando-o em função do meio ambiente”, ou seja, aprendendo a aprender e buscando aprender cada vez mais.

Como essa tarefa demanda esforço, tempo e boa vontade, Morin (2000) entende que a capacidade de aprender está ligada ao desenvolvimento das possibilidades e disposições do indivíduo em adquirir conhecimentos, associadas às influências e estímulos externos, da cultura. A ação de aprender depende do indivíduo, da sua curiosidade e da percepção de como isso poderá ser usado em proveito próprio ou agregando valor à comunidade em que está inserido.

Ainda revendo o PPC encontramos nos objetivos específicos dois itens que utilizam literalmente as categorias listadas anteriormente. São eles:

- Desenvolver a **capacidade empreendedora** do aluno, como resultado de uma melhor qualificação para o mundo do trabalho;
- Propiciar uma **formação profissional dotada de visão sistêmica**, crítico-construtivista, habilidades técnicas e humanas com compromisso ético, social e ambiental. **(grifo nosso)**

Novamente encontramos relação entre os conceitos de empreendedorismo e visão sistêmica para formação de um indivíduo capaz de gerar mudanças e perceber a integração com variáveis das mais diversas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais preconizam habilidades e competências para a educação no Brasil. Diante destas competências que devem ser desenvolvidas ou alcançadas pelos estudantes, listamos aqui aquelas que aparecem no PPC do curso e que novamente relacionam-se com as categorias. No item competências intelectuais e técnicas, apresentaremos dois dos cinco itens presentes no relatório:

- Capacidade de **pensar estrategicamente, identificar problemas e oportunidades**, refletir criticamente, tomar decisões e implementar ações;
- **Capacidade criativa de promover inovações** utilizando-se de tecnologias no contexto organizacional. **(grifo nosso)**

Em ambos os itens percebemos, novamente elementos sistêmicos em consonância com elementos relacionados a promoção de inovações, pois as inovações só serão aceitas se houver entendimento do todo. Partindo do pensamento estratégico em parceria com a visão sistêmica teremos a noção do todo, e das prováveis consequências das ações.

No item competências comportamentais, encontramos a seguinte definição

desenvolvimento do espírito político e administrativo, através da **iniciativa e da criatividade, da determinação, do aprender a aprender e da abertura às mudanças**, considerando os princípios éticos profissionais, com responsabilidade social e ambiental. **(grifo nosso)**

Os elementos grifados acima já foram apresentados no primeiro capítulo como pertencentes ao perfil empreendedor, portanto, o desenvolvimento desta competência, como as citadas anteriormente podem facilitar a formação do empreendedor.

Sobre a organização curricular do curso de administração, o PPC (2008, p. 15) cita que “a estrutura curricular também possibilita a integração das diferentes áreas do conhecimento, disciplinas e conteúdos, estabelecendo a relação entre os conhecimentos teóricos e práticos necessários ao desempenho da profissão”. Novamente podemos perceber a visão sistêmica contribuindo para a proposta de formação deste profissional, pois o mesmo deverá conseguir assimilar as diferentes variáveis para poder estabelecer criar sua própria visão.

A busca incessante por conhecimento pode soar como ganância, numa perspectiva e objetivo a ser alcançado a qualquer custo, entretanto, Prada e Marcilio (2009, p.18) salientam que “o conhecimento está naturalmente ligado à vida, fazendo parte da existência humana”. O ser humano é curioso por natureza e sempre buscou evolução, no sentido de melhorias, mesmo que para isso sejam necessárias mudanças. O poder de inovação do ser humano fez com que ele se diferenciasse dos outros animais, e a inovação só se dá pelo conhecimento. Assim, aprender a aprender é uma forma de manter o conhecimento em construção, fazendo com que a inovação mantenha-se como atividade contínua.

Sobre o papel do educador nesse processo de instigar a curiosidade dos educando, os autores citados afirmam:

Edgar Morin no sentido de provocar a reflexão da educação, pautada na consciência da complexidade presente em toda a realidade, ou seja, é fundamental que o educador compreenda a teia de relações existente entre todas as coisas, para que possa pensar a ciência uma e múltipla, simultaneamente (PRADA e MARCILIO 2009, p.19).

Quem despertará a curiosidade e mostrará que o conhecimento não é algo pronto, é o educador. Este educador amparado pelos documentos institucionais, como é o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), não pode apenas reproduzir conhecimento, mas problematizá-los para alcançar uma postura mais crítica de seus alunos.

Com vistas a libertar o homem desse “pacote” de ensino, Prada e Marcilio (2009, p. 19) salientam que “o subsídio de seu pensamento para a educação está na teoria e na prática, do “tudo se liga a tudo” e é no “aprender a aprender” que o educador transforma a sua ação numa prática pedagógica transformadora”.

No nosso entendimento, essa ação transformadora inverte a lógica fragmentária das disciplinas isoladas e ascende ao conceito sistêmico de transdisciplinaridade, que se associa a idéia da quinta disciplina defendida por Senge e Morin. Para esses autores, a fragmentação do saber gera conhecimentos isolados e a transdisciplinaridade cria um intercâmbio entre os conhecimentos, gerando algo maior, mais complexo:

Nesse contexto, sempre devem ser refletidas e ampliadas as discussões acerca da **importância das relações entre os**

conteúdos de uma disciplina e outra disciplina; entre as disciplinas e o curso; entre as disciplinas e a vida, e assim sucessivamente, a fim de não se estimular a elaboração de conhecimentos parcelados advindos do pensamento linear, mas promovendo-se a construção de um saber uno, com uma visão conjunta e de um todo composto por muitos aspectos (PRADA e MARCILIO 2009, p.19). **(grifo nosso)**

O que se observa na criação dos cursos é a preocupação em atender a exigências do mercado de trabalho e de instituições maiores, muitas vezes inserindo disciplinas de cunho estratégico e suprimindo outras de cunho social, como é o caso da sociologia e da filosofia nos cursos de administração.

Reafirmamos que a ideia que procuramos explorar nesta dissertação não se limita a discutir a simples formação do administrador com perfil empreendedor, mas sim o processo que pode levar o novo empreendedor a se tornar um agente de mudança, e isto vai além da formação universitária. Este processo envolve uma questão social mais ampla e complexa, levando em consideração aspectos internos e até mesmo elementos do ambiente externo.

Segundo Arruda (2006, p. 17) “Os novos processos de produção passaram a exigir trabalhadores mais qualificados. Surgiu uma nova classe do trabalhador do conhecimento, da economia mundializada”. Inicia-se uma ruptura ou necessidade de aperfeiçoamento de um simples operário em um indivíduo que sistematize informações de forma a resolver problemas, ou criar soluções. Entretanto observou-se que o “operário-padrão” brasileiro não encontrava-se pronto para tal.

Ainda, de acordo com a autora (2006, p. 23) “o impulso de modernização jogou luz sobre um problema ainda mais sério do Brasil, a educação”. Nessa perspectiva, Morin defende a ideia de que o sujeito do conhecimento deve tornar-se simultaneamente o objeto do conhecimento. Isso porque o ser humano, mesmo adulto, permanece inacabado, uma vez que seu cérebro encontra-se em contínuo desenvolvimento, recebendo informações *full time* e aprendendo com elas. Entretanto não se pode permitir que o homem passe da categoria executor para a categoria pensador sem um processo de formação que lhe norteie neste sentido.

Para Arruda (2006, p18) a “formação é um fato eminentemente histórico cujas modificações vão aparecendo na medida em que os modelos adotados revelam-se inadequados para satisfazer as necessidades emergentes”.

Observamos, então, no processo de globalização esta ruptura entre o simples “saber fazer” para o “saber ser”. Esse fato iria acarretar, no final da década de 1990, um aumento considerável da oferta de cursos superiores, ocupando o lugar que estava reservado a cursos técnico-profissionalizantes. É o movimento das variáveis externas agindo sobre o indivíduo, que através de sua percepção racionaliza estas informações de maneira sistêmica e canaliza-as em proveito próprio. Sobre isso, a autora (2006, p. 18) ainda enfatiza que “a velocidade da renovação dos saberes propõe novos espaços de aquisição de conhecimentos: conhecimentos contínuos, não-lineares que se organizam conforme os objetivos ou contextos”.

É nessa perspectiva que a formação se torna decisiva para o desenvolvimento, e a revolução tecnológica que transformou a economia nas últimas décadas cria um problema para trabalhadores e empresas. Algumas profissões começam a sumir, e outras são aperfeiçoadas ou absorvidas por novas tecnologias. Este fato traz à luz o conceito que denominamos de reconstrução criativa, onde o datilógrafo torna-se digitador, tendo que aperfeiçoar-se para adequar-se aos novos paradigmas impostos por esta tecnologia:

[...] o conjunto de mudanças a que ora assistimos, desencadeado pelo avanço tecnológico, globalização da economia e consequente internacionalização do conhecimento, divulgado dia a dia pelos periódicos contem indícios preciosos de que está em andamento a redefinição do conceito e práticas relativas à formação profissional (ARRUDA, 2006, p.22).

Mas nem todos os profissionais assimilam esta nova realidade, em um exemplo claro de rejeição à mudança, tão comum para o ser humano. Arruda (2006, p. 23) alerta que “o problema é que, na medida em que nossa economia se moderniza, os bons empregos ficam restritos aos mais bem preparados; assim muitos estarão excluídos, atuando no mercado informal”. As crises estruturais das economias ocidentais somada a reestruturação produtiva parecem evidenciar uma real conexão entre formação e emprego.

A formação é uma categoria de análise de construção social recente e condensa várias implicações. Nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX era um termo pouco utilizado e se associava à qualificação profissional. (ARRUDA, 2006, p.24) Importante salientar que foi nesta época que emerge a criação dos cursos de

Administração no Brasil, bem como a profissionalização da atividade de administrador:

A noção de formação propriamente dita surge nos anos 60 e vai firmar-se nas décadas seguintes. Antes dessa década essa noção aparecia ao lado da noção de educação para em seguida diferenciar-se nitidamente dela, tratando-se da formação em empresas: pouco depois entra em concorrência com ela, firmando-se como a centralidade da atividade social de transmissão e aquisição de conhecimentos, comportamentos e atitudes não mais reservadas à instituição formal, ocupando mesmo assim um lugar relevante na sociedade (TANGUY, 1997, ARRUDA, 2006, p.24-5).

A ideia de educação, ou formação, que estava diretamente ligada à frequência e aproveitamento do aluno em instituições de ensino formal toma outro rumo. Existe a necessidade de adequar a teoria à prática, evidenciando a necessidade de relação entre o sistema educativo e o sistema produtivo, o que entendemos como qualificação:

Este deslocamento de enunciado dos objetivos de uma política educativa, da ordem escolar para a ordem das qualificações, faz com que a qualificação não seja mais uma propriedade conferida pelo sistema educativo aos indivíduos, mas uma relação social que combina vários parâmetros e que é determinada pelo mercado de trabalho. [...] As atividades de formação se desenvolvem correlativamente a reestruturação do emprego e às mudanças de organização do trabalho (ARRUDA, 2006, p.25).

A qualificação surge como elemento do processo formativo, numa perspectiva de aprender a aprender, considerando que o aprendizado acontecerá tanto na esfera individual quanto na organizacional:

[...] a palavra formação deriva do termo forma que em latim significa “molde ou meio pelo qual algo se forma” e pode ser entendida como “ato, efeito ou modo de formar. Constituição [...] Modo porque se constituiu uma mentalidade, um caráter”. Trata-se, portanto de um termo polissêmico, e as várias dimensões dessa noção, de qualquer maneira, estão ligadas à própria natureza dos fenômenos por ela designados e ao próprio dinamismo. Assim, a categoria formação envolve várias outras referentes à vida social, como aprendizagem, reciclagem, aperfeiçoamento, formação profissional, formação contínua, etc (ARRUDA, 2006, p.25-6).

Mas convém destacar que o conceito de formação é algo complexo, formado por muitas variáveis e envolve conhecimentos abstratos e técnicos, indo portanto

muito além dos sistemas educacionais.. Foulquié (1998) a considera como um arranjo entre o saber ser, as atitudes, os pensamentos e as expectativas que são aprendidas em uma profissão ou em uma técnica. Observa-se a interiorização de vários elementos que virão à tona de forma individual ou agrupadas dependendo da demanda da atividade exigida do profissional.

Entretanto, segundo Arruda (2006), e esta é a nossa perspectiva, a categoria formação não pode nem deve ser reduzida apenas ao preparo do trabalhador para sua atividade laboral, mesmo que esta seja sua dimensão principal. Trata-se segundo a autora de

[...] um conceito capaz de designar as qualidades sociais que a escola e diversos outros modos de socialização da sociedade industrial desenvolvida permite que os indivíduos desenvolvam, bem como outros tipos de competências específicas (2006, p. 26).

Para Lope e Artiles (1998) a formação envolve também a valorização social, conhecimentos técnicos, atitudinais e comportamentais exigidas para o acesso ao mundo do trabalho. Este conjunto de elementos estaria, segundo os autores, dispostos em um currículo oculto. Em outras palavras, o acesso ao mundo do trabalho, e aqui entenda-se, melhores vagas, está ligado ao cumprimento destes pré-requisitos, que vão além da formação oficial (acadêmica).

Este pacote de conhecimentos, não no sentido fechado, mas como algo aberto com algo sendo acrescentado a todo momento, direciona-nos à dimensão competência, utilizada largamente nos PPCs e nos novos cursos técnicos-profissionalizantes. TANGUY (1997) acrescenta que esta noção associa-se ao saber fazer, mas não se exclui da qualificação.

Desaulniers (1997) sustenta a ideia de que esse novo profissional que articula inúmeros saberes para enfrentar e conviver no mundo do trabalho, ainda é avaliado pelos resultados mensuráveis que alcança. Portanto, não é pelo fato do modelo de formação estar se alterando que a exigência pelos resultados será anulada. A avaliação continua, mas agora pautada em um novo perfil de profissional, com mais recurso intelectual. Este recurso intelectual é fruto da formação globalizante.

A formação globalizante é o ponto de partida para a formação contínua ou permanente, cujo conceito é o que melhor responde à necessidade sentida por todos de uma **formação para a mudança, mesmo porque existe o fato incontestável de que todos teremos que mudar muitas vezes no curso de nossas vidas** (GARCIA, 1977 *apud* ARRUDA, 2006, p.29). **(grifo nosso)**

Este profissional, preparado para construir o conhecimento a partir das variáveis externas que se apresentam em articulação com seus pensamentos, de forma sistêmica, a quem chamamos de empreendedor, e poderá ser um agente de mudança da sociedade.

3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar de que forma transcorreu a pesquisa que culminou nesta dissertação. Para que a pesquisa pudesse acontecer, necessitávamos de um caminho, uma linha de raciocínio que mantivesse as ideias em um prumo, a fim de alcançarmos nossos objetivos específicos e, logicamente, nosso objetivo geral.

3.1 O PERCURSO

É importante, para a realização do trabalho, definir uma metodologia. A metodologia, conforme Demo (2008, p. 11), é o “estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. É uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa”. Ainda, referindo-se a metodologia da pesquisa, Pescuma e Castilho (2005, p. 32) consideram que “é necessário descrever a metodologia que se pretende adotar, justificando sua adequação ao projeto de elaboração da pesquisa”.

Em um primeiro momento definimos nosso problema de pesquisa. Segundo Gomides (2002, p. 06) “problema consiste em dizer, de maneira explícita, clara e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver. O objetivo da formulação do problema da pesquisa é torna-lo individualizado, específico”. Ou seja, o problema da pesquisa trata daquilo que nos incomoda, e do que, por hora, não temos a resposta.

Entretanto, Gil (1991) salienta que os problemas de pesquisa, necessariamente, carecem de tratamento científico, ou seja, é fundamental diferenciar o que é científico, daquilo que não é. Gomides (2002, p.06) acrescenta que um problema é de natureza científica quando envolve variáveis que podem ser tidas como testáveis. O objetivo geral do estudo está em conhecer como o curso de administração da UNIPLAC vem formando empreendedores:

O termo "ciência" vem do latim scientia, de sciens, conhecimento, sabedoria. É um corpo de doutrina, organizado metodicamente, que constitui uma área do saber e é relativo a determinado objeto. O que

caracteriza cada ciência é seu objeto formal, caminhando progressivamente para a especialização das ciências (fato que marcou sobremaneira o século XIX com o advento da técnica e da industrialização) (PRADA e MARCILIO 2009, p.16).

Para realizar esta pesquisa, elegemos como objeto de estudo o curso de graduação em Administração da Uniplac, curso este com quase 40 anos de existência, sendo um dos mais tradicionais da região serrana de Santa Catarina.

Na tentativa de respondermos ao problema de pesquisa, estabelecemos alguns objetivos, os quais foram divididos em objetivo geral e objetivos específicos. Segundo Carbonara (2006, p.95) “Os objetivos de uma pesquisa não estão no sentido de fazer coisas práticas, mas, sim, nas relacionadas à construção do conhecimento. Uma vez construído o novo conhecimento com certeza isso haverá de gerar inovações práticas [...]”.

Definimos como objetivo geral desta pesquisa analisar de que forma se dá o processo de formação de empreendedores buscando torna-los agentes de mudanças. Em seguida definimos objetivos específicos que direcionariam os capítulos desta dissertação. Analisar a relação entre universidade, devido ao seu caráter formativo, e empreendedorismo; apresentar dados referentes à formação de administradores, partindo do histórico dos cursos de administração e chegando ao nosso objeto de pesquisa, o curso de administração da UNIPLAC; aplicar questionários semi-estruturados com acadêmicos do objeto de estudo a fim de verificar suas percepções da formação empreendedora frente o discurso oficial, analisar os pontos convergentes e divergentes entre os resultados obtidos e por fim, propor adequações à estrutura curricular são os objetivos específicos deste trabalho.

Iniciamos o estudo realizando um levantamento bibliográfico acerca das nossas principais categorias de pesquisa.

Pesquisa bibliográfica – ou fonte secundária abrange toda bibliografia já publicada relacionada ao tema em estudo, desde livros, publicações periódicas, monografias, dissertações, teses, etc. Trata-se de material disponível para oferecer a fundamentação teórica referente ao problema de pesquisa (FIGUEIREDO; SOUZA, 2005, p. 77-8).

Paralelamente a ação citada acima, tivemos acesso aos documentos oficiais do curso de administração, a saber, Projeto Pedagógico do Curso, e os planos de ensino atualizados.

A fim de obtermos informações sobre as percepções dos alunos acerca de que forma o termo empreendedorismo é tratado na formação dos administradores, aplicamos questionários semiestruturados (anexo 03), pois estes nos propiciariam explorar questões fechadas e abertas. Minayo (2004, p. 108) considera que o questionário semiestruturado “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”. Definimos dois grupos de alunos, os iniciantes e os concluintes. Foram aplicados doze questionários para cada grupo, sendo que este número foi definido em função desta ser a quantidade de alunos que irão colar grau no semestre corrente. A escolha dos alunos ingressantes foi aleatória e espontânea, utilizamos o próprio ambiente da sala de aula para aplicação, com autorização do coordenador do curso e dos docentes responsáveis pelo horário. Os questionários foram aplicados no dia 08 de novembro de 2012. Importante salientar que a identidade dos mesmos será mantida em sigilo. Iremos apresentá-los utilizando uma codificação. Os acadêmicos ingressantes irão receber como nomenclatura a letra “i” (iniciantes) e um número, para diferenciá-los na análise de seus depoimentos. Os concluintes receberão a letra “c” concluintes e da mesma forma um número após esta letra.

Dividimos o questionário em três blocos, com objetivos distintos. O bloco 1 foi concebido com o objetivo de traçar o perfil dos entrevistados. Já o segundo bloco objetiva verificar o conhecimento do entrevistado acerca do curso de Administração e por fim o bloco 3 é destinado a analisar de que forma o entrevistado percebe o empreendedor e seu processo de formação no curso de Administração.

Passaremos a seguir à apresentação e discussão dos dados obtidos por meio dos questionários aplicados à pesquisa.

3.2. O PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Para análise dos dados destacamos os blocos de questões previamente organizados para levantamento do perfil dos entrevistados, problematizando esse perfil sem perder de vista o objetivo da mesma.

A primeira questão foi elaborada com o objetivo de verificar qual a idade média dos alunos ingressantes frente os concluintes. Obtivemos as seguintes informações:

Quadro nº 04: Idades dos ingressantes

IDADE	freq.	%
ENTRE 16 E 20 ANOS	10	83,34
ENTRE 21 E 25 ANOS	2	16,66
ENTRE 26 E 31 ANOS	0	0
ENTRE 32 E 40 ANOS	0	0
MAIS E QUARENTA	0	0
TOTAL	12	100

Quadro nº 05: Idades dos concluintes

IDADE	Freq	%
ENTRE 16 E 20 ANOS	1	8,34
ENTRE 21 E 25 ANOS	8	66,67
ENTRE 26 E 31 ANOS	2	16,67
ENTRE 32 E 40 ANOS	1	8,33
MAIS E QUARENTA	0	0
TOTAL	12	100

Observa-se que a maioria dos alunos tem uma idade correspondente aos cursos superiores, idade também que reflete a possibilidade desta ser a primeira graduação, como veremos a seguir, uma vez que os alunos se formam no ensino médio com idade média de 17 anos. Essa idade prematura reflete também na imaturidade de boa parte dos acadêmicos.

Já a maioria dos respondentes concluintes está concluindo o curso com idades entre 21 e 25 anos existindo uma pequena variação nas demais faixas. Se considerarmos um limite mínimo de duração de quatro anos de graduação, observaremos que boa parte destes respondentes iniciou a graduação com a

mesma idade dos iniciantes, o que torna a pesquisa mais atrativa, uma vez que teremos um comparativo de respondentes com as mesmas condições.

A segunda questão tem o objetivo de verificar se os respondentes já fizeram outra graduação, e em caso afirmativo, que graduação foi esta.

Quadro nº 06: Primeira Graduação - Ingressantes

	freq.	%
SIM	12	100
NÃO	0	0
TOTAL	12	100

Quadro nº 07: Primeira Graduação - Concluintes

SIM	10	83,34
NÃO	2	16,66
TOTAL	11	100

QUAL(IS)

C5 - ciências biológicas e proesde
C4 – gastronomia

Nesta questão percebemos uma pequena variação. A totalidade dos iniciantes está cursando pela primeira vez um curso superior, conforme havíamos comentado em parágrafos anteriores. Já em termos de concluintes observamos que dois deles já possuem formação anterior. O que nos chama atenção são as áreas de formação, ciências biológicas e gastronomia. Identificamos estes dois respondentes a fim de cruzarmos informações futuras com vistas a verificar quais os seus objetivos no curso de administração. Citamos também o fato do respondente C5 ter concluído o PROESDE que tem o objetivo de formar agentes de desenvolvimento regional. As respostas deste entrevistado serão especialmente analisadas, uma vez que se trata de uma formação social, ligada à educação.

A terceira questão deste primeiro bloco buscou verificar em que cidade residem os entrevistados.

Quadro nº 08: Cidade onde reside – Ingressantes

CIDADE	freq.	%
LAGES	6	50
OTACÍLIO COSTA	2	16,67
SÃO JOAQUIM	2	16,67
CAPÃO ALTO	1	8,33

RIO RUFINO	1	8,33
TOTAL	12	100

Quadro nº 09: Cidade onde reside – Concluintes

CIDADE	freq.	%
LAGES	10	83,3
URUBICI	1	8,33
SÃO JOSÉ DO CERRITO	1	8,34
TOTAL	12	100

Os entrevistados ingressantes dividem-se entre cinco cidades da região, sendo que metade deles reside em Lages. Quando observamos os concluintes notamos que o percentual aumenta consideravelmente. Consideramos interessante verificar se os objetivos e visões destes são similares aos que residem na região.

Por fim, a quarta e última questão deste primeiro bloco procura verificar quando o respondente iniciou esta graduação.

Quadro nº 10: Semestre de início desta graduação – Ingressantes

	freq.	%
2012/2	12	100

Quadro nº 11: Semestre de início desta graduação – concluintes

	freq.	%
2009/2	1	8,33
2009/1	9	75
2008/2	1	8,33
2006/1	1	8,33
TOTAL	12	100

Todos os ingressantes iniciaram o curso no segundo semestre de 2012, enquanto que nas respostas dos concluintes estes valores alternam. A maioria absoluta dos respondentes iniciou o curso no primeiro semestre de 2009, estão portanto concluindo em exatos quatro anos. Para os 25% dos respondentes o período foi menor, provavelmente em decorrência da validação de disciplinas, ou maior, em função de reprovações ou trancamento da matrícula. Esses motivos não foram abordados no questionário.

Uma vez que traçamos o perfil dos entrevistados, levando em conta os dois grupos formados, ingressantes e concluintes, realizaremos no próximo capítulo a

análise do conteúdo das respostas obtidas nos blocos seguintes do questionário aplicado.

O próximo capítulo busca aprofundar a discussão dos resultados obtidos, fazendo relações entre o discurso do curso de administração frente o discurso dos entrevistados, tendo como base o pensamento sistêmico, as ementas e os planos de ensino das disciplinas abordadas.

4 A DIMENSÃO EMPREENDEDORA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

O capítulo anterior apresentou o percurso metodológico da pesquisa bem com o perfil dos entrevistados divididos em dois grandes grupos, ingressantes e concluintes. Neste capítulo vamos discutir sobre a tabulação dos dados obtidos nos questionários aplicados nos acadêmicos do curso de administração. Nesta sessão iremos aprofundar a análise das respostas tendo como fundamentação principal Gareth Morgan e os preceitos da *learning organization*, ou organização que aprende. Para verificar como este processo está ocorrendo, dividimos o capítulo em quatro momentos. No primeiro momento, iremos focar no entendimento dos ingressantes acerca do processo formativo no qual estão iniciando. Em seguida faremos a explanação do mesmo conteúdo sob a ótica dos concluintes. Através destas análises poderemos verificar pontos de convergência e divergência nas expectativas e experiências dos alunos. Compilando estas informações, passaremos a uma análise comparativa dos discursos dos discentes frente ao discurso da coordenação do curso via documentos oficiais da graduação. Para encerrar este capítulo iremos realizar proposições acerca do empreendedorismo na academia, tendo como base teórica o pensamento sistêmico e *learning organization*.

Destaca-se ainda que para efeito de tratamento dos dados colhidos nessa pesquisa os entrevistados foram nomeados como Ingressantes(I) e Concluintes(C) mantendo sigilo com relação às informações e informantes.

4.1 INTERESSES E EXPECTATIVAS DOS ALUNOS INGRESSANTES

Antes de iniciarmos a análise das percepções dos ingressantes, acreditamos ser interessante reforçar, de maneira resumida, o perfil destes respondentes. Os respondentes ingressantes desta pesquisa estão na sua primeira graduação, a maioria absoluta tem entre 16 e 20 anos de idade, 50% moram em Lages, e a outra metade divide-se entre outros municípios da região serrana do estado.

No segundo bloco de questões questionamos sobre os objetivos dos alunos no curso de administração com a intenção de verificar quantos iriam citar a

possibilidade de criar sua própria empresa. Conforme informado no capítulo anterior, os entrevistados foram codificados por uma letra e número para melhor identificarmos as repostas. Neste sentido, percebemos que os entrevistados I1, I4 e I5 citaram a possibilidade de empreendedorismo como um dos seus objetivos. Então dos doze respondentes, três citaram o empreendedorismo como um dos seus objetivos, ou seja, 25% dos entrevistados. Estes três entrevistados pertencem ao grupo que não reside em Lages, portanto, 50% dos ingressantes oriundos de cidades vizinhas ingressam no curso com vistas à abertura ou aprimoramento da gestão de negócios próprios. Salientamos aqui a resposta da entrevistada I4 *“aproveitar o máximo possível e sair formada. Montar meu próprio negócio”*. Evidencia-se aqui uma formação com vistas à dimensão empreendedora e uma expectativa alta desses alunos quanto à possibilidade de abrir um negócio próprio.

Outro aspecto importante são as referências aos termos “aprender” e “conhecimento” na questão do objetivo no curso. Estes aparecem sete vezes durante as respostas. Cabe destacar, neste momento a resposta do entrevistado I1. Ele enfatiza que *“Quero aprender os conceitos de administração por fim utilizando este conhecimento em minha empresa”*.

A busca pelo conhecimento é um dos preceitos da *learning organization*. Segundo Morgan (1996, p. 85) “as organizações são sistemas de informações. São sistemas de comunicação, sendo também sistemas de tomada de decisão”. Para o empreendedor, tão importante quanto ter informações referentes à sua organização é ter conhecimento sobre como utilizar estas informações que utilizarão de maneira sistêmica no seu processo produtivo.

Sobre aprendizagem, os alunos ingressantes quando indagados se conheciam a estrutura curricular, pouco mais da metade das respostas foram afirmativas. O que consideramos normal, haja vista que esta não é uma preocupação que sobressaia em alunos ingressantes. De um modo geral, esses ingressam no curso muito mais pelo chamamento e destaque dado à profissão do que propriamente pelos conteúdos que serão ministrados. Quando solicitadas opiniões a respeito da grade curricular como fator facilitador de aprendizagem no processo de formação do empreendedor, a maioria dos alunos ingressantes alegou que a grade curricular somada a outras variáveis, como os professores, o ambiente e outros meios também são fundamentais nesse processo.

Jullier (2011) transfere este conjunto de variáveis e adapta este cenário para o conceito de organização de aprendizagem proposto por Senge.

Peter Senge definiu o conceito de "Organização de Aprendizagem" (*learning organization*), a qual é composta por um grupo de pessoas que procuram, em bases contínuas, aprimorar sua capacidade de criar seu próprio futuro. Em sua definição, a palavra aprendizagem não significa apenas incorporar informações, mas implica mudar indivíduos para que eles se tornem capazes de realizar aquilo que eles pensam realizar (JULLIER 2011, p.02).

Nesse sentido, observa-se na citação acima que não são apenas as informações que contam para a aprendizagem, existe a necessidade de relacionar diferentes saberes, já que o diálogo entre as disciplinas constitui uma prática necessária à construção do conhecimento.

Sobre a estrutura curricular propriamente dita, foram assinaladas disciplinas que, segundo os respondentes, mantinham relação com a formação empreendedora (anexo 04). Num total de 54 disciplinas, 48 obtiveram frequência igual ou superior a 50% de apontamento. Algumas disciplinas como sociologia das organizações, filosofia, metodologia científica e jogos empresariais não atingiram este percentual de frequência. Considerando organizações como “conjunto de pessoas com objetivos comuns”, este fato nos causa estranheza. Conforme ideal de Morin (2000), tudo está relacionado, interna ou externamente à organização. Então tendo em vista, a sua importância social e para a construção do conhecimento e da aprendizagem, estas disciplinas supracitadas terão suas ementas e planos de ensino melhor analisados no item 4.3 deste capítulo.

No terceiro bloco, enfatizamos perguntas sobre empreendedorismo propriamente dito. Dos doze ingressantes, apenas I1, residente na cidade de Otacílio Costa tem empreendimento próprio o que não indica necessariamente o “ser empreendedor”. E quando questionados sobre o que entendiam por ser empreendedor observamos que, inovação e desejo de auto-realização despontam como as ideias mais citadas. Destacamos aqui a fala de I7 “*ser empreendedor é buscar o novo, inovar o tradicional, ser o novo rosto, adaptar-se às situações e torna-las favoráveis ao seu mundo. Ser empreendedor é querer mais e arriscar-se com os pés no chão*”. O fato de inovar significa estar em contato e interagir com o

ambiente externo. Essas inovações dependem do conhecimento que o empreendedor tem sobre o que o cerca.

Na década de 1950, Peter Drucker já preconizava o conceito de "trabalhadores do conhecimento", afirmando que as empresas passariam a utilizar cada vez mais o conhecimento de seus colaboradores, o que torna crítico o estabelecimento de uma gestão baseada no conhecimento [...](JULLIER 2011, p.03)

Esse discurso fortalece a ideia da relevância da construção do conhecimento de maneira sistêmica, considerando que os sistemas estão relacionados com o todo e o todo também faz este caminho inverso. Diante deste fato, notamos que as respostas da questão seguinte sobre os requisitos para o empreendedor de sucesso, estão de acordo com o pensamento de Morin e Senge. Conhecimento e planejamento foram os itens que mais citados nas respostas. Segundo a teoria clássica da administração planejar é o primeiro pilar das funções administrativas, em um modelo elaborado por Henry Fayol (1913). Segundo Maximiano (2010, p. 79) “o processo de planejamento é a ferramenta que permite administrar as relações com o futuro. É uma aplicação específica do processo decisório”. O processo de planejar pode projetar a visão do todo, dos elementos que poderão influenciar de forma positiva ou negativa os elementos organizacionais.

Ainda neste enfoque, os ingressantes foram questionados sobre haver ou não relação entre as disciplinas da estrutura curricular e o desenvolvimento de uma visão empreendedora. Apenas um entrevistado visualiza que isso não ocorre, não havendo comentários a este respeito. Os demais demonstram ciência de que a visão empreendedora é formada por um conjunto de elementos, e assim como Morin (2000) defende, nada está acabado. Neste aspecto, destaca-se o depoimento de 17 “*todas as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo são o combustível para despertar a paixão das pessoas por empreender*”. Trata-se de um processo de construção contínua, ou reconstrução criativa, como preconizava Schumpeter.

Sobre a possibilidade de iniciar um empreendimento, novamente a maioria absoluta se mostra propensa a isso. Os ramos apresentados para o empreendimento de cada um, são os mais diversos, havendo também quem indique que agirá de acordo com as tendências do mercado, adotando um papel de empreendedor por oportunidade. Entretanto, há de se verificar como essa questão é

encarada por aqueles que estão em processo de conclusão, e já passaram pelas disciplinas da estrutura curricular vigente.

4.2 ENTENDIMENTOS DOS ALUNOS CONCLUINTES ACERCA DA FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR

Da mesma forma do que a seção anterior, passaremos a tratar da percepção dos alunos concluintes sobre a formação empreendedora tendo como base os questionários semiestruturados aplicados em novembro de 2012.

Relembramos que a maioria dos entrevistados está na faixa entre 21 e 25 anos, e apenas dois destes residem fora de Lages. Neste conjunto de alunos concluintes do referido curso. Encontramos também uma variação com relação a outras formações. O Concluinte 4, com formações em biologia e programa de desenvolvimento de agentes regionais (PROESDE) e o C5 é graduado em gastronomia, além de possuírem graduação anterior também possuem empreendimentos próprios.

Sobre o ano de início do curso, percebemos que 80% dos entrevistados concluirão o curso em exatos 4 anos. Entretanto há de se salientar que são oferecidas 40 vagas por semestre, o que significa que, pelo menos 22,5% dos ingressantes desta turma (sujeitos da pesquisa) conseguirá concluir o curso no tempo mínimo estimado (08 semestres).

As respostas obtidas sobre os objetivos que os levaram para com o curso, impressionaram. Das doze repostas, dez citavam a busca do conhecimento e as outras duas utilizavam expressões que indicavam informações sobre abertura de empreendimentos próprios. Dessa gama de respostas, destaca-se o depoimento de C4 “*implantar o conhecimento científico no empreendimento familiar, auxiliando na gestão e maximizando os resultados*”. Observa-se a relevância que C4 dá ao conhecimento desenvolvido na universidade e como este vê possibilidades de aplicação no seu ambiente laboral. Essa preocupação na construção do conhecimento caminha ao encontro das premissas estipuladas pelo PPC no que tange o processo de aprender a aprender. Morgan (1996, p.95) acrescenta que “o processo todo de aprender a aprender diz respeito à habilidade de permanecer aberto às mudanças que estão ocorrendo no ambiente e à habilidade de desafiar

hipóteses operacionais de maneira mais fundamental”. Portanto, a busca pela construção do conhecimento deve ser contínua.

Para Peter Senge, organizações de aprendizagem proporcionam condições para que as pessoas cresçam se desenvolvam e preencham o seu potencial, e surgem quando a estratégia de negócio exige que se estimule a inteligência coletiva e o engajamento da força de trabalho, e quando a alta gerência não pode mais suprir os funcionários com ideias. (JULLIER 2011, p.05)

Com relação a estrutura curricular como fator estruturante da formação empreendedora, obtivemos respostas variadas. Ressaltamos algumas que se repetiram e merecem atenção. Três acadêmicos salientaram que sentiram falta de abordagens e atividades práticas durante o curso. C3 pondera a este respeito da seguinte maneira “*(o curso) possui informações teóricas necessárias, falta apenas mais aulas práticas no curso para aplicarmos o que aprendemos*”. Na nossa visão, essa prática poderia proporcionar uma possibilidade de reconhecer o pensamento sistêmico aplicado.

Segundo o modelo de Senge, o domínio das mudanças duradouras passa pelos espectros de habilidades e capacitações, onde há treinamento e desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo, de consciência e sensibilidades, por meio das quais **é possível criar um novo modo de pensar de organização, e atitudes e crenças, onde o indivíduo apresenta uma transformação em sua maneira de agir e pensar.** (JULLIER 2011, p.05) (grifo nosso)

Essa nova forma de pensar parte da observação dos sistemas que são influenciados e influenciam o ambiente em que estamos inseridos. Quebra-se uma estrutura formal, como uma receita de bolo, e pode surgir daí a possibilidade de uma formação construída a partir de troca de experiências. Diante disso, citamos um fragmento da resposta do acadêmico C9 “*A Uniplac forma pessoas para trabalhar em empresas já consolidadas. Se for abrir uma empresa hoje, não sei por onde começar*”. Este depoimento sinaliza que algo precisa ser refeito. Morgan enfatiza sua preocupação com a disseminação de princípios mecanicistas na construção do conhecimento:

A medida que se constroem organizações sobre princípios mecanicistas, desenvolve-se uma racionalidade instrumental, na qual as pessoas são valorizadas pela sua habilidade de se encaixarem e contribuírem para a operação eficiente de uma estrutura

predeterminada. Isso é adequado para se desempenhar uma atividade fixa em circunstâncias estáveis; mas quando essas condições forem violadas, as organizações planejadas dentro desses moldes encontram muitos problemas. Sob circunstâncias que mudam, é importante que os elementos da organização sejam capazes de questionar a propriedade daquilo que estão fazendo e modifiquem sua ação para levar em conta novas situações. (MORGAN 1996, p. 84)

Outro ponto citado por duas vezes nestes depoimentos mostra a posição dos alunos com relação à modalidade de ensino ofertada em algumas disciplinas, o regime semipresencial. C5 e C10 ressaltam que a estrutura encontra-se em boas condições, porém C5 é enfático ao dizer que *“deve-se extinguir aulas semipresenciais, pois os alunos não tem educação para estudar sem a presença do professor”*. Esse comentário deixa claro o estranhamento que os alunos ainda experimentam quanto ao paradigma digital. Vivemos um momento em que as novas tecnologias ganham as salas de aula e ampliam algumas habilidades do homem. Pierre Lévy (1997) estuda a questão da Cibercultura destacando as transformações nas relações de aprendizagem pela comunicação digital. Entretanto, esse novo paradigma ainda encontra-se em transição e as resistências ainda se fazem presentes.

Nesse sentido, as mesmas disciplinas semipresenciais que apresentaram baixa frequência por parte dos ingressantes, voltaram a apresentar baixo resultado por parte dos concluintes (anexo 04). Sociologia das Organizações manteve o índice de 25% quando indagados sobre a relação com o processo de formação do empreendedor. Já Filosofia e Metodologia Científica sequer foram assinaladas, ou seja, para os concluintes estas disciplinas não tem nenhuma relação com o processo supracitado. Em se considerando o curso de administração como parte das ciências sociais aplicadas, iremos focar na análise do ementário e planos de ensino destas disciplinas no próximo item.

Outra divergência observada foi com relação ao montante de disciplinas assinaladas como convergentes ao processo de formação do empreendedor, observamos que enquanto para os ingressantes, 48 disciplinas obtiveram frequência igual ou superior a 50% (em um universo de 57 disciplinas), para os concluintes, este número cai para 20 disciplinas, ou seja, para estes alunos em fase final, apenas 37% das disciplinas obtiveram frequência igual ou superior a 50%. O que reforça o

comentário do aluno C9 sobre a formação de mão de obra ser diferente da formação empreendedora.

Outra questão que nos chamou a atenção foi o fato de que os dois concluintes que possuem negócios próprios são os mesmos que possuem graduação anterior, ou seja, possivelmente C4 e C5 estejam cursando administração para buscar novos conhecimentos e aperfeiçoar os seus empreendimentos, associando-se aos conceitos de Morgan e Senge nas organizações aprendizes. Uma vez que os empreendedores demonstram interesse em aperfeiçoar-se podem utilizar as práticas aprendidas na empresa demonstrando assim para seus colaboradores a importância de construir continuamente os conhecimentos com vistas a aplica-los em sua realidade.

Sobre o conceito de empreendedor, os concluintes fixaram seus comentários no termo criatividade; destacamos aqui o comentário de C1 “*(ser empreendedor) é criar, inovar, montar um negócio próprio, investir recursos e tempo em produtos e serviços inovadores*”. Para Ghiselin (1952, p.02) criatividade é “o processo de mudança, de desenvolvimento, de evolução, na organização da vida [...]”. Em outras palavras, a criatividade a que os concluintes se referem é a visão empreendedora sendo colocada em prática, numa visão sistêmica, considerando as partes, verificando as possíveis conseqüências dos atos. O empreendedor nesta perspectiva criativa tem condições de empregar os conceitos de aprendizagem na organização.

Segundo o modelo de Senge, o domínio das mudanças duradouras passa pelos espectros de habilidades e capacitações, onde há treinamento e desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo, de consciência e sensibilidades, por meio das quais é possível criar um novo modo de pensar de organização, e atitudes e crenças, onde o indivíduo apresenta uma transformação em sua maneira de agir e pensar. (JULLIER 2011, p.05)

A adoção do hábito de aprender a aprender, segundo o autor é viciante, e apresenta reflexos tanto na organização como nas pessoas nela inseridas. A *learning organization* não age só no ambiente interno das empresas, as pessoas que convivem com este método levam para a sua vida a visão sistêmica e percebem que podem aproveitar esta nova habilidade para relacionar tudo o que acontece e fortalecer seu conhecimento nesta nova perspectiva.

Mantendo o foco na relação de disciplinas para o desenvolvimento de um perfil empreendedor, encontramos o mesmo padrão de respostas dos ingressantes. Apenas o concluinte C1 não acredita haver tal relação, justificando sua posição pelo seguinte comentário: *“a única disciplina que abordou de forma significativa a visão empreendedora foi ‘empreendedorismo’, as demais não contribuíram para desenvolver em mim uma visão empreendedora”*. Considerando uma ideia sistêmica de integração disciplinar, C7 discorda do comentário anterior. Segundo ele *“todas as disciplinas estão interligadas e são necessárias pra que um bom administrador tenha visão empreendedora, e saiba aplicá-las no seu empreendimento”*. O concluinte C11 apresenta uma possibilidade que vai além da visão curricular, de acordo com o entrevistado *“algumas das disciplinas mencionadas fazem com que o acadêmico tenha uma nova visão do contexto ao seu redor enxergando oportunidades, novas ideias entre outros”*. Salientamos aqui, novamente, a importância de disciplinas como sociologia e filosofia, que deveriam despertar a curiosidade pelo ambiente em que estamos inseridos e pela movimentação que este gera. Isso porque os conteúdos trabalhados nessas disciplinas são importantes por permitirem reflexões e tomadas de decisões a partir da análise da realidade contemporânea.

Com relação à possibilidade de criação de uma empresa no futuro, as respostas se aproximaram muito daquelas obtidas com os ingressantes. Apenas um concluinte não cogita esta hipótese. Quando questionados sobre que ramo de atuação escolheriam, as respostas mantiveram-se alternadas, assim como aconteceu com os ingressantes, demonstrando percepções diferentes do ambiente.

No próximo item passaremos a análise de conteúdo confrontando as respostas dos alunos e os documentos oficiais da graduação em administração.

4.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ASPECTOS RELACIONADOS AO ENTENDIMENTO DOS ENTREVISTADOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E O REGISTRO OFICIAL DA UNIVERSIDADE VIA PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO.

Neste tópico voltaremos a citar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), avaliando as convergências ou contradições entre o exposto pelos discentes e o referido documento.

Em primeiro lugar, vamos analisar de que forma a categoria empreendedorismo aparece no documento oficial do curso, o PPC. Assim, o termo “empreender” bem como suas variáveis, aparece onze vezes, sendo apenas quatro em forma textual e explicativa. As demais aparições do termo estão contidas em estruturas que apresentam a grade do curso, ementas e bibliografias.

O termo é citado pela primeira vez na seção “1.2.1 Apresentação do Curso de Administração”. Segundo o documento (2008, p. 06) “formar cidadãos altamente profissionais, com espírito empreendedor e gestores comprometidos com o desenvolvimento sustentado das organizações e do País é a diretriz a ser permanentemente seguida”. Daí a importância ressaltada anteriormente sobre as disciplinas de sociologia das organizações, filosofia e administração de empresas sem fins lucrativos e a nossa preocupação com o regime que está sendo oferecido. Por essas disciplinas se discute cidadania preparando o cidadão para que ele saiba selecionar informações e refletir sobre os acontecimentos do mundo inclusive as demandas de formação. Trataremos das ementas e planos de ensino mais adiante.

Em seguida, na seção 1.2.2 Justificativa Social, deparamos-nos com mais duas aparições do termo estudado. Estas citações referem-se à concepção do curso de administração. “em sentido restrito, foi construído para desenvolver o espírito de empreendedor e de gestor de organizações” (2008, p. 06). Ainda nesta página, “empreendedorismo e gestão são as duas linhas de formação que caracterizam os dois eixos lógicos, inter-relacionados e definidos da filosofia do Curso na formação do Bacharel em Administração”. Nestas frases observamos que, para a coordenação do curso e para o colegiado que redigiu o documento, tanto a função gestora quanto a atividade empreendedora serão favorecidas pela estrutura

curricular. Isto também ficou evidenciado nos discursos dos alunos entrevistados, entretanto, algumas falas destacam o curso como formador de gestores, apenas.

A quarta citação é apresentada no item 2.5.1.2 Objetivos Específicos. Um dos objetivos específicos (PPC, 2008, p. 11) apresenta como uma das finalidades “desenvolver a capacidade empreendedora do aluno, como resultado de uma melhor qualificação para o mundo do trabalho”. Aqui nos deparamos com os dois eixos de compreensão encontrados nos questionários. Boa parte dos alunos acredita que o curso seja capaz de formar empreendedores, tanto que consideram esta como uma possibilidade e outros citam o curso como mero gerador de gestores.

Outra categoria muito citada na coleta de dados foi o conhecimento. Pesquisando no PPC encontramos menções do termo “conhecimento” por nove vezes. A primeira citação está no item da Justificativa Social, segundo o PPC (2008, p. 06) “[...] o Curso de Administração da UNIPLAC abre-se à população em geral, como alternativa de acesso ao conhecimento, formação e graduação em nível superior através do ensino articulado com a pesquisa e a extensão”. Conhecimento e formação aparecem como elementos que podem gerar desenvolvimento da população. Estes agirão de maneira sistêmica com a pesquisa e extensão, fatores primordiais de uma universidade.

A missão do curso, já citada e comentada no capítulo 2, também apresenta o termo conhecimento como um pilar do curso de Administração. A missão enfatiza que o conhecimento gerado será destinado a desenvolver processos sociais, econômicos, políticos, culturais produzindo a melhoria da qualidade de vida da sociedade. Para Senge (1990, p. 135) “as organizações só aprendem através de indivíduos que aprendem”, ou seja, o desenvolvimento das organizações e da própria sociedade depende do processo de aprendizagem dos indivíduos. Trataremos de modelos de aprendizagem no próximo item, com os modelos apresentados por Morgan (1996).

Sobre a inserção do termo conhecimento nos objetivos específicos do curso, este objetivo salienta que o curso deve oportunizar o conhecimento técnico, científico e humano, por meio do ensino, pesquisa e extensão. Este termo ainda aparece no item 2.5.3 Do Campo e Da Atividade Profissional por duas vezes, citando que funções que poderão ser executadas pelo egresso através da “aplicação dos conhecimentos inerentes às técnicas da administração”.

O item 2.6 trata da Organização Curricular do Curso de Administração. Considerando a perspectiva do aprender a aprender o PPC (2008, p.15) cita que “a estrutura curricular possibilita a integração das diferentes áreas do conhecimento, disciplinas e conteúdos, estabelecendo a relação entre os conhecimentos teóricos e práticos necessários ao desempenho da profissão”. Essa perspectiva sistêmica fortalece a ideia de formação de um profissional que agregue valor não só para a organização como para a sociedade como um todo, podendo gerar mudanças e criando alternativas:

Segundo o modelo de Senge, o domínio das mudanças duradouras passa pelos espectros de habilidades e capacitações, onde há treinamento e desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo, de consciência e sensibilidades, por meio das quais é possível criar um novo modo de pensar de organização, e atitudes e crenças, onde o indivíduo apresenta uma transformação em sua maneira de agir e pensar. (JULLIER 2011, p.05)

Realizamos também um levantamento considerando dois temas conjuntamente, formação e visão sistêmica. Obtivemos cinco resultados. O primeiro é apresentado na Justificativa Social.

“[...] além de proporcionar uma formação generalista, o curso de administração, pelo conteúdo das disciplinas que o constituem, justifica-se como importante opção para conduzir as pessoas a desenvolver e internalizar valores éticos, de visão sistêmica, preocupadas com a formação do cidadão, a responsabilidade social, a melhoria da qualidade de vida, a proteção ao meio ambiente, e o desenvolvimento sustentável”. (PPC 2008, p. 06).

Nesta citação pode-se verificar claramente a importância que o registro legal destina para a questão social, entrando em contradição, pois a disciplina sociologia das organizações é ofertada no regime semipresencial, cerceando uma relação mais próxima entre discentes e docentes que poderia promover a troca de experiências.

Nos objetivos específicos novamente, encontramos estes dois termos agindo em conjunto. O PPC apresenta como último objetivo específico “propiciar uma formação profissional dotada de visão sistêmica, crítico-construtiva, habilidades técnicas e humanas com compromisso ético, social e ambiental” (2008, p.12). Sobre esse raciocínio sistêmico Senge (1990) defende que esse tipo de raciocínio ajuda a substituir modelos mentais dominados por eventos, por modelos que reconhecem os

padrões de mudança a longo prazo, assim como as estruturas que produzem esses arquétipos sistêmicos.

Embora as próximas duas citações não apresentem literalmente o termo visão sistêmica, podemos perceber traços de sua influência no registro feito:

“[...] a edição do projeto pedagógico do curso de administração foi construída coletivamente trazendo em sua concepção uma perspectiva de formação integral centrada nos alunos, através da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, e tendo o professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem”.

“A estrutura curricular definida inclui disciplinas necessárias à formação do futuro profissional, com conteúdos direcionados às questões da realidade regional, nacional e internacional, a partir de uma perspectiva histórica e contextualizada de sua aplicabilidade no âmbito das organizações e do meio, através da utilização de tecnologias inovadoras” (PPC, 2008, p.15).

Estes dois momentos relacionam a formação à uma visão do todo, considerando questões externas ao empreendedor ou à organização, contribuindo para o desenvolvimento de conhecimentos no âmbito social.

Considerando a questão social como uma tônica do curso de administração, iremos verificar a seguir duas disciplinas denominadas como de formação básica, e outras duas de formação profissional.

4.3.1 Análise de planos de ensino.

Elegemos para efeito de análise, quatro planos de ensino, dois deles com baixo índice de frequência apresentados no capítulo 3, a saber, Sociologia das Organizações e Filosofia, a última sendo oferecida na modalidade semi-presencial, e outros dois com os mais altos índices de frequência, Empreendedorismo e Administração de Marketing, estas na modalidade presencial. Os planos foram obtidos no site da universidade, na página do curso de administração.

A disciplina Sociologia das Organizações oferecida na terceira versão da estrutura curricular equivale à antiga disciplina de Sociologia. No objetivo geral da disciplina consta “proporcionar a compreensão do processo evolutivo das organizações em geral, suas formas e seus impactos no desenvolvimento econômico, social e ecológico”. Notamos a presença das teorias de Morin e Senge,

considerando a relação do homem com o ambiente em um processo de construção do conhecimento. Este processo é fundamental para o empreendedor para formação de seu negócio visando aumentar a qualidade de vida da sociedade. Novamente retomando o conceito de empreendedor segundo Kirzner (1973) no segundo capítulo deste documento, verificamos que o empreendedor é alguém atento às necessidades, que pode encontrar uma posição clara em um ambiente de caos e turbulência. A compreensão do contexto sociocultural e histórico poderá tornar sua ação mais efetiva perante a comunidade.

Ainda sobre esta disciplina, observamos a divisão da mesma em unidades, dentre as quais destacamos “o conhecimento como autonomia do sujeito”, “cultura, sociedade e organização”, “trabalho humano sob o domínio do capital”, “a revolução científico-tecnológica e a globalização”, “a questão social no cenário brasileiro”, entre outras. Todas estas unidades são, ao nosso entender, vitais para a compreensão sobre o ambiente que cercará o graduado, possibilitando a ela uma noção do que ele influenciará e do que irá influenciá-lo.

A segunda disciplina analisada, com baixa frequência nas respostas é denominada Filosofia. Segundo o plano de ensino, esta disciplina tem o objetivo de estimular o desenvolvimento do pensar e fomentar a reflexão crítica sobre as questões do dia-a-dia do acadêmico realçando o caráter histórico e epistemológico da Filosofia na perspectiva de ampliar os horizontes para a produção do conhecimento. Em outras palavras, é uma disciplina que visa proporcionar ao acadêmico uma gama de informações sobre a forma de pensar e agir, a partir de várias formas de pensamento. Entretanto, não há forma de pensar ou construir o pensamento contemporâneo que não seja pelo diálogo ou troca de experiências, o que fica, de certa forma, comprometido, uma vez que a disciplina é desenvolvida em regime semi-presencial.

Nota-se que são duas disciplinas fundamentais para configurar a graduação em administração como uma ciência social aplicada. A primeira demonstra a importância da relação interpessoal na sociedade e a segunda apresenta as formas de pensar, e perceber o que acontece a nossa volta. Passaremos agora a verificação das disciplinas mais assinaladas na oitava questão do questionário.

Iniciamos a análise pela disciplina homônima de uma das nossas categorias principais, “Empreendedorismo”. Essa disciplina enquadra-se como Conteúdo de

Formação Profissional. Oferecer ao aluno ampla visão dos aspectos que envolvem o empreendedorismo em suas diferentes formas, instigando o espírito empreendedor como uma das formas de desenvolvimento, é o objetivo geral da disciplina. Como conteúdo programático com um foco mais social, destacamos “a importância do empreendedorismo para a sociedade”, “a capacidade de identificação de oportunidades e antecipação às mudanças”, “inovação e empreendedorismo” e “a inovação no Brasil”. Nossa intenção ao destacar tais pontos é demonstrar que o empreendedorismo tem também uma grande importância social, podendo mudar a vida das pessoas envolvidas direta ou indiretamente no negócio.

Por fim, analisaremos a disciplina Administração de Marketing, oferecida na terceira fase da graduação. Esta, como a disciplina de Empreendedorismo, também enquadra-se como Formação Profissional e tem como objetivo geral proporcionar a compreensão e aplicação dos fundamentos, princípios, técnicas e desenvolvimento de marketing, sua aplicabilidade nas organizações e no estabelecimento de estratégias competitivas no mundo dos negócios. Em outras palavras, essa disciplina oferece as “ferramentas estratégicas” para que as ações empreendedoras, baseado nas percepções obtidas através da sociologia e da filosofia, possam ser postas em práticas, alterando muitas vezes a vida das pessoas.

Por meio dessa análise podemos comprovar a necessidade de aplicação do pensamento sistêmico e sua importância, na estrutura curricular de um curso que visa a formação de um administrador com visão empreendedora.

4.4 PROPOSIÇÕES SOBRE EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE

Neste último tópico discutimos sobre o ensino do empreendedorismo no curso de graduação. Partimos do conceito de aprendizagem em circuito proposto por Morgan e fecharemos com algumas sugestões para aplicação deste processo de aprender a aprender no curso de administração.

Morgan (1996) apresenta uma teoria sobre aprendizagem que se relaciona com os conceitos de Senge (1990) e Morin (2000) em uma perspectiva sistêmica em que tudo está relacionado para construção de um conhecimento, influenciando e sendo influenciado pelo meio. Isso nos faz perceber que a formação de uma visão empreendedora não pode restringir-se a disciplinas fragmentadas e ao confinamento

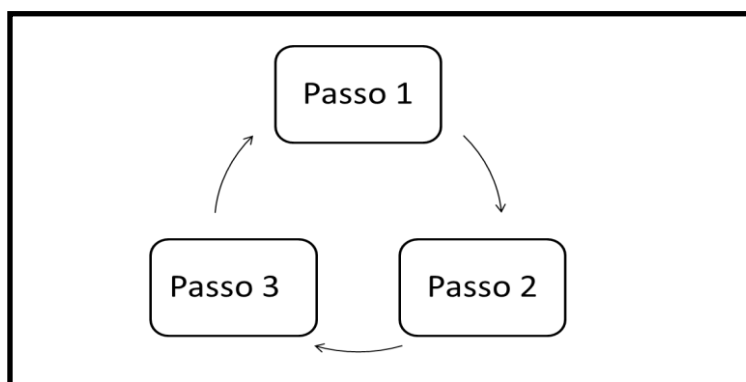
da informação nas universidades. Muitas citações sobre a falta de dinâmicas que levassem à prática foram mencionadas pelos alunos concluintes. Isto posto destacamos duas possibilidades para facilitar ou melhorar o processo de aprendizagem, que poderão ser implementadas pela graduação.

De acordo com Morgan (1996), existem duas modalidades de aprendizagem, as quais ele chama de circuitos, são elas a aprendizagem em circuito único e a aprendizagem em circuito duplo.

Morgan em seu livro *Imagens da Organização* (1996) apresenta diversas formas de entendermos as empresas, o que ele denomina de visões das organizações. Iremos focar nas organizações vistas como cérebros. Trataremos a universidade como organização e os acadêmicos no papel dos funcionários, vislumbrando então os dois processos de aprendizagem discutidos pelo autor.

A aprendizagem em circuito único, segundo Morgan (1996, p. 92) “apoia-se numa habilidade de detectar e corrigir o erro com relação a um dado conjunto de normas operacionais”. A figura a seguir apresenta o processo em circuito único.

Figura nº 01 – Aprendizagem em circuito único



Fonte: O autor, baseado em Morgan (1996)

O passo 1 refere-se ao processo de percepção, exploração e controle do ambiente, ou seja é o momento em que o acadêmico se depara com a informação a qual está sendo exposto e sua relação com o ambiente, utilizando para isso seus conhecimentos prévios acerca do tema. O passo 2 gera a comparação entre a informação obtida e as normas de funcionamento, ou seja, a comparação entre o conhecimento simplesmente “transmitido”, e a sua relação com a teoria, criando as sinapses. Diante desse arranjo de informações inicia-se a parte 3, com o processo e iniciação de ações apropriadas. Morgan (1996, p. 93) incita que “essa habilidade

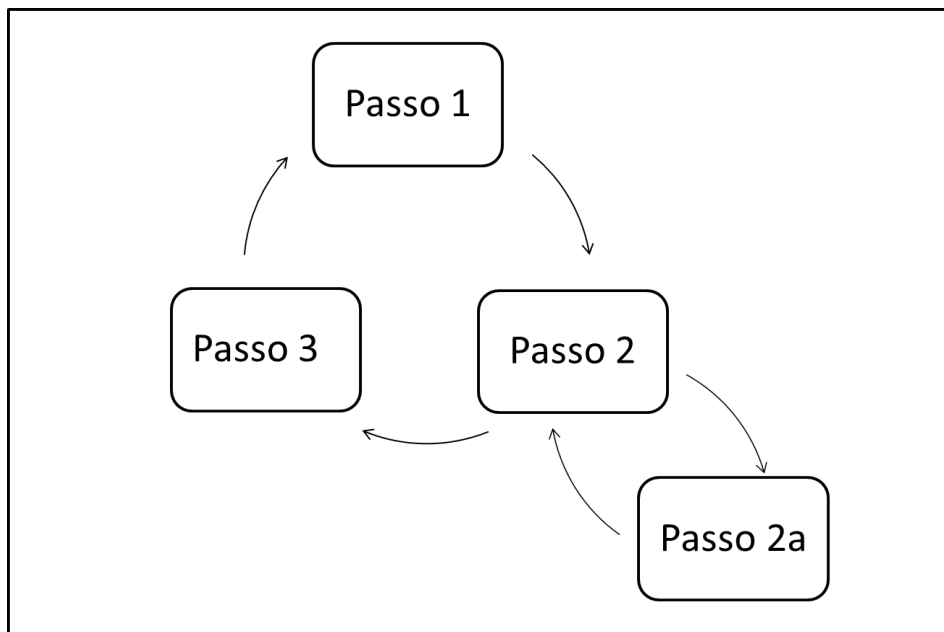
básica é na maioria das vezes institucionalizada sob a forma de sistemas de informação planejados para manter a organização em curso”.

Percebemos isso quando o ensino é imposto com o simples repasse de informação, sem que se torne conhecimento, pois o acadêmico absorve ou decora para realizar uma avaliação e nada é acrescentado ou somado como produção para a universidade. Produz-se o “mais do mesmo”, nada de novo, apenas a continuidade do que já está posto. Não é o caminho ideal para o cumprimento de nenhuma das teorias apresentadas neste documento até o momento. Agindo assim, a instituição continuará formando para o mercado, como meros executores de uma função burocrática. Sobre esta questão burocrática, Morgan (1996, p. 93) ainda complementa “esse fracasso é especialmente verdade nas organizações burocráticas, uma vez que seus princípios organizacionais fundamentais habitualmente operam de maneira que realmente obstrui o processo de aprendizagem”.

Aqui também valem as orientações de Morin (2001); vivemos na era da incerteza e não podemos aprender só verdades prontas e inquestionáveis, é preciso se preparar para a diversidade. A educação deve possibilitar a construção do conhecimento provisório, pois “conhecer não significa chegar à verdade absolutamente certa, mas sim, dialogar com a incerteza”.

Desta forma, pensando em uma estrutura de organização que aprende, passamos a análise da aprendizagem em circuito duplo. Segundo Morgan (1996, p. 92) “A aprendizagem em circuito duplo depende de ser capaz de “olhar-se duplamente” a situação, questionando a relevância das normas de funcionamento”. Com o intuito de melhor enxergarmos esta estrutura, apresentamos a figura que ilustra tal circuito.

Figura nº 02 – Aprendizagem em circuito duplo



Fonte: O autor, baseado em Morgan (1996)

Neste processo, as definições dos passos 1, 2 e 3 permanecem na mesma ordem e com o mesmo significado que o circuito único, entretanto há uma inserção, o passo 2a. Este reflete o processo de questionamento da pertinência das normas de funcionamento. Em outras palavras, após a percepção do problema ou da informação (passo 1), a comparação entre a informação obtida e as teorias que a cercam (passo 2), cria-se uma opção analítica, de questionar o conhecimento maciço, ou melhor, de tentar enxergar este sob ótica própria, discutindo se as teorias que o permeiam são a única solução ou o único embasamento possível, é o raciocínio agindo em conjunto com a criatividade. Notamos a interação das partes, na construção sistêmica do conhecimento. Possibilita-se a reconstrução criativa, a geração de novas possibilidades. Não se rompe completamente com o passado, mas geram-se novos conhecimentos em um processo de debate contínuo. Então segue-se para passo 3, com a iniciação de ações apropriadas, sob novas perspectivas.

É este o processo que, acreditamos, possa facilitar e renovar não só para a formação de empreendedores, mas como concepção da universidade como espaço de construção de conhecimento científico em prol da sociedade.

Jullier (2011), ainda sobre a organização aprendiz enfatiza a participação dos colaboradores (discentes) no processo de construção do conhecimento nas organizações (universidades).

[...] é possível concluir que para aproveitar o conhecimento dos colaboradores para gerar melhores resultados, a empresa deve estimular o desenvolvimento pessoal dos seus funcionários, criando condições para a sua aquisição de novos conhecimentos e aplicação nas novas habilidades nas atividades cotidianas (JULLIER 2011, p.03).

Para encerrar, Morgan (1996) apresenta quatro diretrizes que resumem a aplicabilidade da aprendizagem em circuito duplo. Após cada citação, apresentaremos uma análise novamente transferindo a identidade dos sujeitos, colaborador para discente e organização para universidade:

Encorajar e valorizar uma abertura e flexibilidade que aceita erros e incertezas como um aspecto inevitável da vida em ambientes complexos e mutáveis. Esse princípio é fundamental para permitir aos membros de uma organização lidar com incertezas de maneira construtiva. [...] em lugar de criar condições que levem os empregadores a esconder ou negar erros e evitar fazer perguntas problemáticas como frequentemente acontece sob sistemas burocráticos de responsabilidade, é necessário encorajá-los a compreender e aceitar a natureza problemática das situações com as quais estão lidando (MORGAN 1996, p. 95).

A construção do conhecimento não se dá apenas pelo que está ou foi concluído um dia. Trata-se de um processo que leva em consideração as variáveis que envolvem o problema, das perspectivas, dos subsistemas que se apresentam. Não é tarefa simples, assim como as pessoas e as organizações também não são. Entretanto lidar com a incerteza gera medo, sendo muito mais fácil operar em um cenário de previsibilidade, com respostas pré-estabelecidas, e verdades de senso comum. Essa condição gera o controle do conhecimento dos acadêmicos e a estagnação da instituição de ensino enquanto geradora de oportunidades:

Encorajar um enfoque de análise e solução de problemas complexos que reconheça a importância da exploração de diferentes pontos de vista. [...] o processo de aprender a aprender requer que as organizações se mantenham abertas a questões de tal profundidade e desafio, em lugar de tentar desenvolver fundamentações fixas para a ação (MORGAN 1996, p. 96).

O conhecimento não é algo pronto, paralisado, concluído. Entretanto, viemos de um sistema de ensino que privilegia questões objetivas, pouco complexas e que não geram contestação, uma vez que foram postas dessa forma, como um dogma da ciência. É papel da universidade e das empresas, gerar condições para que o colaborador sinta-se como ser pensante, que enxerga e age em um ambiente complexo, aprendendo a aprender continuamente, sem restrições à sua criatividade:

Evitar imposição de estruturas de ação em ambientes organizados. [...] quando metas e objetivos tem um caráter predeterminado, tendem a oferecer estrutura para aprendizagem em circuito único, desencorajando a aprendizagem de circuito duplo". (MORGAN 1996, p. 96)

A aprendizagem, quando imposta, resume-se à repasse de informação, terá utilidade imediata, mas não agregará conhecimento, pois assim como uma informação é repassada agora, outras serão mais adiante, de forma fragmentada, sem discussão ou construção de algo maior, mais complexo. As instituições de ensino tendem a burocratizar a aprendizagem, definindo o que será ensinado, quando e de que forma, a fim de que o acadêmico alcance sua meta, cujo nome na academia é aprovação na disciplina, sem necessariamente saber de que forma as informações contidas na disciplina se complementam e interagem com outras:

Facilitar o desenvolvimento do aprender a aprender relacionando-se com a necessidade de fazer intervenções que criam estruturas e processos organizacionais que ajudem a implementar os princípios anteriormente apresentados (MORGAN 1996, p. 98).

Esta etapa é essencialmente difícil, pois considera-se o achatamento de uma estrutura hierárquica formal ou imaginária, em que os indivíduos pertencentes a organização despem-se dos seus egos e passam a trabalhar de maneira conjunta, colaborativa em prol de algo maior, a construção de conhecimentos. Tão importante quanto falar, passa ser ouvir pontos de vista diversos e discutir como esse conjunto de novos elementos pode contribuir com o que já foi escrito, numa perspectiva sistêmica, proporcionando assim novos modelos mentais discutíveis e provisórios.

Uma nova visão empreendedora está calcada exatamente nesta semântica, procurando oportunidades para construir novos modelos, rompendo paradigmas e

comprovando que o ser humano é capaz de inovar, mudando a sua vida e de uma comunidade inteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreender como estratégia para a carreira profissional; esta ideia foi se firmando ao longo da construção desse trabalho. Com o passar das orientações passamos a perceber que existiam novas possibilidades para a formação do empreendedor para atuar numa realidade mais complexa e incerta. Não se trata de empreender por empreender, visando apenas uma carreira de sucesso e lucros, mas como forma de construir conhecimento e contribuir para a melhoria de vida da sociedade.

Nessa perspectiva de entender a construção do novo, recorremos a autores contemporâneos que discutiam novas possibilidades. Digo indicavam, pois a escolha sempre foi nossa, íamos somando forças, já que começamos pelo conceito de empreendedorismo de Joseph Schumpeter, fizemos o caminho mais árduo do pesquisador buscando compreender os preceitos de Peter Senge e Edgar Morin, verificando novas condições para a aprendizagem até a aplicabilidade de um conceito de aprendizagem com Morgan. Neste meio tempo, tivemos acesso a documentos institucionais, vasculhamos origens do nosso objeto de estudo, e ouvimos alunos ingressantes e outros que concluíam a caminhada da graduação. E neste tempo muito aprendemos.

O empreendedor deixou de ser nossa única razão de estudo ao passarmos pelo processo da construção do conhecimento. Para que isso fosse possível, nos valem do pensamento de Morin (2002, p.133) ao destacar que a organização “é o encadeamento de relações entre componentes ou indivíduos que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidade desconhecidas quanto aos componentes ou indivíduos”.

Segundo Senge (1990) precisamos resgatar a nossa capacidade de ver o mundo como um sistema de forças entrelaçadas e relacionadas entre si. O processo de formação precisa deixar a fragmentação e focar no que Morin defende como “todo complexo”.

Em uma conversa informal com o coordenador do curso de administração, fomos informados sobre a implantação no ano de 2013 de uma modalidade

avaliativa denominada interdisciplinar, com o intuito de implementar conceitos da *learning organization* na graduação em questão. Esta avaliação será acompanhada por eventos acadêmicos denominados “Seminários Integradores” com a participação de toda a comunidade acadêmica. A implementação do aprender a aprender bem como o desenvolvimento da ideia de interdisciplinaridade já se faziam presentes no PPC desde 2007, e agora ganha operacionalidade, inclusive sendo citada nos planos de ensino homologados neste ano. Essa ação é vista como um divisor de águas, pois docentes precisarão empreender nesta nova realidade, com a transição de um método expositivo de aula para um método dialogado capaz de ajudar a formar um empreendedor ativo e atuante.

Essas alterações poderão fortalecer o elo entre universidade e comunidade, em uma nova perspectiva de formação, pode favorecer um conhecimento por meio do raciocínio sistêmico, e a articulação entre as partes que integram um todo. Segundo Senge (1990, p. 326) “todas as fronteiras, inclusive as nacionais, são fundamentalmente arbitrárias. Nós as inventamos, e então, ironicamente, ficamos presos nelas”.

Conhecimento gerado na universidade que fica preso à universidade é conhecimento nulo, e é nessa perspectiva libertadora que enxergamos a dimensão empreendedora, como aberta e pronta a interagir com o todo, utilizando os saberes da graduação para promover mudanças dentro e fora da universidade.

Considera-se aqui também a importância de se repensar a forma como disciplinas como filosofia e sociologia são tratadas na graduação, pois conforme dito no capítulo final deste documento, são fundamentais para entender o que se passa no ambiente macro que fazemos parte, novamente, influenciando e sendo influenciados.

Como egresso de um curso de administração e profissional do ramo da educação tive a oportunidade de conhecer, ao longo deste trabalho, novas perspectivas e visões sobre o papel das universidades no contexto da sociedade. A teoria sistêmica ampliou as minhas possibilidades de olhar a formação do graduando em administração. Até o início desta dissertação a ideia de sistema estava restrita a uma abordagem administrativa, intracorporação, que tratava da relação entre os departamentos, buscando a sinergia. Com as leituras indicadas nas orientações pude observar a importância do raciocínio sistêmico para enxergar tudo o que nos

cerca. Como Peter Senge e Edgar Morin defendem tudo está relacionado, as partes interagem com o todo e o todo complexo depende das partes.

Aliando a estas duas teorias, refletimos sobre a aplicação do *learning organization* segundo preceitos de Gareth Morgan, e percebemos que é possível enxergar a graduação como uma estrutura que aprimora-se continuamente, efetivando a possibilidade de aprender a aprender.

O foco da graduação não pode ser apenas formar para o mercado, como também não deve focar única e exclusivamente a formação de empreendedores. A graduação tem foco na ciência, na construção de conhecimentos que nunca cessarão. Essa é a principal contribuição da academia para a sociedade, o desenvolvimento de um conhecimento libertador, que demonstre novas possibilidades e que contribua para o desenvolvimento integral da sociedade como um todo, diminuindo as desigualdades e contribuindo para a qualidade de vida.

Por meio dos depoimentos obtidos nos questionários semiestruturados percebemos que os ingressantes cogitam a possibilidade de empreender com mais vigor que os concluintes. Eles também enxergam o curso de Administração como uma boa possibilidade de inserção no mercado e tem grandes expectativas em relação à integração das disciplinas expostas na estrutura curricular e o desenvolvimento de uma visão empreendedora.

Já os concluintes se mostram mais céticos, e embora apresentem interesse em empreender expressam em muitos momentos a falta de prática e receio em atuar por conta própria. Outro ponto que nos chamou a atenção de forma negativa foi a forma como disciplinas clássicas como sociologia e filosofia são tratadas pelos alunos. Consideramos o empreendedor como um agente social, entretanto os acadêmicos de ambos os grupos consideram que estas disciplinas não tem relação com a atividade empreendedora.

Neste sentido podemos retomar o objetivo geral dessa pesquisa que foi analisar o processo de formação de empreendedores que pode torná-los agentes de mudanças a partir de um curso de administração e perceber que o foco do empreendedor para estes alunos é muito mais interno do que externo, ou seja, um empreendedor agindo por conta própria tendo como foco seu próprio resultado. Entretanto este cenário pode mudar, uma vez que o pensamento sistêmico seja

aplicado em sua essência na estrutura do curso, despertando nos alunos uma visão macro, de relação entre as variáveis e o todo, demonstrando que eles são corresponsáveis por tudo o que acontece e então inseri-los neste processo de mudança como agentes ativos de um grande processo social. Reforça-se então a importância de rever a forma como as disciplinas filosofia e sociologia são tratadas no curso, pois entendemos como disciplinas que podem despertar nos acadêmicos a compreensão de sua posição estratégica na sociedade do conhecimento.

Estes novos agentes de mudança poderão empreender dentro e fora das organizações, enxergando oportunidades, suas causas e consequências e agindo em função de um desenvolvimento social válido para toda a comunidade em que estão inseridos, demonstrando que sua formação não foi direcionada para a simples ocupação de postos de trabalho, mas sim mostrou-se como uma formação transformadora, para agregar valor, para a vida. Por fim, utilizamos Morin para fechar o trabalho com uma perspectiva sobre formação para a vida.

(...) a educação do futuro deve ser responsável para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a de unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie humana *homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais e sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno (MORIN 2001, p. 55).

Desta forma, considerando múltiplos e unos, vislumbramos um novo empreendedor, cuja formação sistêmica lhe permite interagir de forma significativa com o ambiente, adaptando-o e transformando-o.

REFERÊNCIAS

- ADIZES, Ichak. **Os Ciclos de Vida das Organizações**. 2^a ed. São Paulo: Pioneira, 1993.
- ANDES – GT Ciência e tecnologia. **Ciência e tecnologia made in Brasil?** Curitiba: ANDES-SN, 2003.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8^a ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- AGUILHAR, Lúcia. **Brasil continua sendo um dos países menos inovadores do mundo**. Disponível em: <<http://blogs.pme.estadao.com.br/inovar-e-preciso/brasil-continua-sendo-um-dos-paises-menos-inovadores-do-mundo/>>. Acesso em: 27 maio 2012.
- APPLE, Michael W. **Para além da lógica do mercado**: compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.
- ARMOND, Álvaro Cardoso; NASSIF, Vânia Maria Jorge **A liderança como elemento do comportamento empreendedor**: um estudo exploratório. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)*, Out 2009, vol.10, no.5, p.77-106. ISSN 1678-6971
- ARRUDA, Marina Patrício de. **A formação nas páginas do jornal**. Pelotas: Seiva, 2006.
- ARRUDA, Marina Patrício de. PORTAL, Leda Lísia Franciosi. **Saberes e fazeres docentes**: o dielma da reforma do pensamento e da prática pedagógica do educador do século XXI. In Revista Percursos. Florianópolis, v.13, n.01, p. jan/jun.2012.
- BERTERO, Carlos Osmar. **Ensino e pesquisa em administração**. Coleção debates em Administração. São Paulo: THOMPSON LEARNING, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 1994.
- BORBA, Marcelo Leandro de, HOELTGEBAUM, Marianne and SILVEIRA, Amélia. **A produção científica em empreendedorismo**: análise do academy of management meeting: 1954-2005. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)*, 2011, vol.12, no.2, p.169-206. ISSN 1678-6971.
- Buttner, E. H., & Gryskiewicz, N. **Entrepreneurs' problem-solving styles**: an empirical study using the Kirton adaptation/innovation theory. 31(1), 22-31. *Journal of Small Business Management*, 1993.
- CARBONARA, Vanderlei. **A pesquisa na vida universitária**. In: BUOGO, Ana L, 2006.
- CFA. **História da Administração no Brasil**. Disponível em: <http://migre.me/duUHV>. Acesso em 12 fevereiro 2013.
- CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CHIAPINOTTO, Diego. CARBONARA, Vanderlei (Orgs). **O desafio de aprender: ultrapassando horizontes**. Caxias do Sul: Educs, 2006.

CHÉR, Rogério. **Empreendedorismo na veia**: um aprendizado constante. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. 2ª Ed. São Paulo: SARAIVA, 2008.

CONFIOMETRO. Disponível em: <<http://www.confimetro.com.br/lg/tv-lcd-lg-soldura-01-ano-e-6-meses-2951.html>>. Acesso em 02 maio 2012.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **A formação e a ideologia do administrador de empresa**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DEGEN, Ronald Jean. **Empreendedor**: empreender como opção de carreira. São Paulo: PEARSON Prentice Hall, 2009.

_____. **O empreendedor**: fundamentos da iniciativa empresarial. São Paulo: MAKRON BOOKS, 1989.

DEMO, Pedro. **Metodologia para quem quer aprender**. São Paulo: Atlas, 2008.

DESAULNIERS, Julieta B. R. **Formação, qualificação ou competência**. In: Veritas – Revista Trimestral de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS., V, n. 149, mar/1993.

_____. **Formação, competência e cidadania**. Educação e sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade, n. 59 – 1997.

DOLABELA, Fernando. **Empreendedorismo uma forma de ser**: saiba o que são empreendedores individuais e empreendedores coletivos. Brasília: AED, 2003.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FERNANDES, Daniel Von Der Heyde and SANTOS, Cristiane Pizzuti Dos **Orientação empreendedora**: um estudo sobre as conseqüências do empreendedorismo nas organizações. *RAE electron.*, Jun 2008, vol.7, no.1, p.0-0. ISSN 1676-5648.

FIDALGO, Fernando & MACHADO, Lucília. **Dicionário da educação profissional**. Belo Horizonte: NETE/SETASCAD, 2000.

FIGUEIREDO, Antonio Carlos de. SOUZA, Soraia Riva Goudinho de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses**: da redação científica à apresentação do texto final. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

FOLQUIÉ, Paul *apud* DESAULNIERS, Julieta B. R. **Emergência e construção do campo de pesquisa sobre inserção profissional**. In: Formação e trabalho e competência, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: ATLAS, 1991.

GHISELIN, Brewster. **The creative process**. Berkeley: University of California Press, 1952.

GOMIDES, José Eduardo. **A definição do problema de pesquisa a chave para o sucesso do projeto de pesquisa.** In Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão – CESUC – Ano IV – nº 06 – 2002.

GRECO, Simara M. Silveira *et al.* **Empreendedorismo no Brasil: Projeto GEM Brasil.** Curitiba: IBQP, 2009.

_____. **Empreendedorismo no Brasil: 2010 (relatório GEM).** Curitiba: IBQP, 2010.

HOSRICH, Robert D. PETERS, Michael P. **Empreendedorismo.** 5ª Ed. Porto Alegre: IBQP, 2004.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha, FREITAS, Ana Augusta Ferreira de and PAIVA, Thiago Alves **O empreendedorismo acadêmico no contexto da interação Universidade - Empresa - Governo.** *Cad. EBAPE.BR*, Dez 2010, vol.8, no.4, p.676-693. ISSN 1679-3951.

JULLIER, Michael. **O vies de Peter Senge e o paradigma da gestão do conhecimento.** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/administracao-e-negocios/o-vies-de-peter-senge-e-o-paradigma-da-gestao-do-conhecimento/57337/>> Acesso em 19 fevereiro 2013.

KIRZNER, I.M. **Competition and entrepreneurship.** Chicago: Chicago University Press, 1973

LAMPERT, E. . **O Mercosul e a Universidade no século XXI. Pró-Posições**, 8(1), 5-15, 1997.

LEZANA, A. G. R.; TONELLI, A. **O comportamento do empreendedor.** In: DE MORI, F. (Org.). **Empreender: identificando, avaliando e planejando um novo negócio.** Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

LOPE Y ARTILES. **Las relaciones entre formación y empleo: que formación para que empleo.** In DESAULNIERS, Julieta B. R(org). **Formação e trabalho e competência.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

MACHADO, Joana Paula *et al.* **Empreendedorismo no Brasil : 2009.** Curitiba : IBQP, 2010.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital.** São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOLL, Jaqueline. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades.** Porto Alegre: ARTMED, 2010.

MORAES, Reginaldo. **Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

_____. **O método 2: a vida da vida.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **La mente bien ordenada: repensar la forma, reformar el pensamiento.** Barcelona: Seix Barral, 2001

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 8ª ed. São Paulo: CORTEZ, 2003.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOROSINI, Marília Costa. **Enciclopédia de pedagogia universitária**. Brasília: INEP, 2006.

OLIVEIRA, Marco A. **O Novo Mercado de Trabalho** - Guia para Iniciantes e Sobreviventes. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2000.

PEGORARO, Ludimar. **Terceiro setor e a educação superior no Brasil: compromisso social das fundações em Santa Catarina, o caso Universidade do Contestado**. 2008. 358f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PESCUMA, Derma; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. **Projeto de pesquisa – o que é? como fazer?**: um guia para a sua elaboração. São Paulo: OLHO D'ÁGUA, 2005.

PEDROSO, José Pedro Penteado, MASSUKADO-NAKATANI, Márcia Shizue and MUSSI, Fabrício Baron. **A relação entre o jeitinho Brasileiro e o perfil empreendedor**: possíveis interfaces no contexto da atividade empreendedora no Brasil. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)*, Ago 2009, vol.10, no.4, p.100-130. ISSN 1678-6971.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PRADA, Danielle Graziani, MARCILIO, Rodrigo. **Educação e transdisciplinaridade: travessias possíveis para uma nova consciência**. Campinas, UNICAMP, 2009.

CONSEPE. **Projeto político pedagógico do curso de administração**. Lages, UNIPLAC, 2008.

SATO, Paulo. **O que causou a crise mundial entre 2008 e 2009**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/causou-crise-economica-mundial-470382.shtml>>. Acesso em: 10 maio 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: CORTEZ, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2005.

_____. **A globalização e as ciências sociais**. 3 ed. São Paulo: CORTEZ, 2005.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. 13ª ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1990.

SCHUMPETER, Joseph A. **Fundamentos do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

_____. **The theory of economic development**. New York: Oxford University Press, 1961.

_____. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo da Cultura, 1961.

SILVA, Marco Antonio Oliveira Monteiro da, GOMES, Luiz Flavio Autran Monteiro and CORREIA, Manuela Faia. **Cultura e orientação empreendedora: uma pesquisa comparativa entre empreendedores em incubadoras no Brasil e em Portugal**. *Rev. adm. contemp.*, Mar 2009, vol.13, no.1, p.57-71. ISSN 1415-6555.

TALEB, Nicholas Nassim. **A lógica do Cisne negro: o impacto de altamente improvável.** Rio de Janeiro, Best Seller, 2008.

TANGUY, Lucie. **Formação uma atividade em vias de definição?** In: Revista Vértas, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

VASCONCELOS, Maria Lucia & TEODORO, Antonio. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária.** 2ª Ed. São Paulo: Mackenzie-Cortez, 2005.

ANEXOS

ANEXO 01- Disciplinas obrigatórias do curso de administração (Parecer nº 307/66)

DISCIPLINA
Matemática
Estatística
Contabilidade
Teoria Econômica
Economia Brasileira
Psicologia Aplicada à Administração
Sociologia Aplicada à Administração
Instituições de Direito Público e Privado (Noções de ética administrativa)
Legislação Social
Legislação Tributária
Teoria Geral da Administração
Administração Financeira e Orçamento
Administração de Pessoal
Administração de Material
Direito Administrativo
Administração da Produção
Administração de Vendas
Estágio supervisionado (06 meses)

Fonte: O Autor (adaptado de CFA 2012)

ANEXO 02 – Divisão das disciplinas segundo a nova estrutura curricular

Tipo de formação	Horas	Créditos
Formação básica	630	42
Formação profissional	1.350	90
Estudos quantitativos e tecnologias	210	14
Formação complementar	210	14
Estágio curricular supervisionado	300	20
Atividades complementares de curso	300	20
TOTAL	3000	200

Fonte: O Autor, baseado no PPC do curso de administração

ANEXO 03- Questionários aplicados em alunos ingressantes e concluintes.

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE (UNIPLAC)

Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação

Mestrado Acadêmico em Educação

O presente questionário para coleta será utilizado como fonte de informações para o desenvolvimento da dissertação de mestrado:

FORMAÇÃO DE EMPREENDEDORES EM UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA
DO ESTADO DE SANTA CATARINA.

BLOCO 1 – DADOS PESSOAIS (OBJETIVO: traçar perfil dos entrevistados)

1- Idade

() entre 16 e 20 anos

() entre 32 e 40 anos

() entre 21 e 25 anos

() mais de 40 anos

() entre 26 e 31 anos

2- É a sua primeira graduação?

() Sim

() Não. Qual(is) a(s) outra(s) JÁ CURSOU?

3 – Cidade onde mora

4 – Em que ano e semestre você ingressou no curso de administração DA UNIPLAC?

BLOCO 2 – CURSO DE ADMINISTRAÇÃO (OBJETIVO: verificar o conhecimento do ingressante e do concluinte acerca do curso de administração)

5- Quais seus objetivos no curso de administração?

6- Você conhece a estrutura curricular do curso de administração?

- () Sim
 () Parcialmente
 () Não

7- Você acha que o curso de administração, com sua atual estrutura curricular, tem condições de fornecer as informações necessárias para a formação de um empreendedor de sucesso?

- () Sim
 () Não

Comente: _____

8- Das disciplinas listadas abaixo, qual (is) você acredita estar ligada ao processo de formação do empreendedor?

1º semestre	() Empreendedorismo
	() Legislação Social e Previdenciária
	() Legislação Social e Trabalhista
	() Mercados e Tendência Mundial
	() Sociologia das Organizações
	() Tecnologia e Inovação
	() Teoria Geral da Administração I
2º semest	() Administração de Micro e Pequenas Empresas
	() Comportamento Organizacional

	() Matemática
	() Metodologia Científica
	() Português
	() Teoria Geral da Administração II
3º semestre	() Administração de Marketing I
	() Administração de Organizações Sem Fins Lucrativos
	() Administração Estratégica
	() Contabilidade
	() Matemática Financeira
	() Organização, Sistemas e Métodos
4º semestre	() Administração de Recursos Humanos
	() Administração Pública
	() Contabilidade Gerencial
	() Estatística
	() Projeto de Estágio e de Pesquisa em Administração
	() Sistemas de Informação Gerencial
5º semestre	() Administração da Produção I
	() Administração de Marketing II
	() Administração de Recursos Humanos
	() Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais I
	() Estágio Curricular Supervisionado I
	() Negociação Empresarial
6º semestre	() Administração da Produção II
	() Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais II
	() Administração Financeira e Orçamentária I
	() Economia de Negócios
	() Estágio Curricular Supervisionado II
	() Filosofia
	() Responsabilidade Social e Empresarial
7º semestre	() Administração de Custos
	() Administração de Serviços
	() Administração Financeira e Orçamentária II
	() Ciência Política

	() Comunicação Empresarial
	() Estágio Curricular Supervisionado III
	() Gestão Ambiental
8º semestre	() Análise de Investimentos
	() Comércio Exterior
	() Direito Empresarial e do Consumidor
	() Estágio Curricular Supervisionado IV
	() Ética Profissional e Empresarial
	() Jogos Empresariais
	() Legislação Tributária
	() Mercado de Capitais
	() Plano de Negócios

BLOCO 3 – EMPREENDEDORISMO (OBJETIVO: analisar de que forma o entrevistado percebe o empreendedor e seu processo de formação no curso de administração)

9 – Você possui ou já possuiu um empreendimento próprio?

() Sim

() Não

Se sim, em qual ramo? _____

10- Na sua opinião, o que é ser empreendedor?

11- Quais os requisitos básicos para que um administrador torne-se um empreendedor?

12- Existe relação entre as disciplinas mencionadas no item 8 para o desenvolvimento de uma visão empreendedora?

() Sim

() Não

Comente: _____

13 – Quando pensa no futuro, inclui a possibilidade de montar um negócio próprio?

() Sim

() Não

Se sim, em qual ramo?

Anexo 04 – Tabulação da questão 8 do questionário

		Ingressantes		Concluintes	
		freq	%	Freq	%
1º semestre	Empreendedorismo	12	100	12	100
	Legislação Social e Previdenciária	6	50	2	16,67
	Legislação Social e Trabalhista	8	66,67	2	16,67
	Mercados e Tendência Mundial	10	83,33	7	58,33
	Sociologia das Organizações	2	16,67	3	25
	Tecnologia e Inovação	3	25	10	83,33
	Teoria Geral da Administração I	6	50	3	25
2º semestre	Administração de Micro e Pequenas Empresas	11	91,67	11	91,67
	Comportamento Organizacional	10	83,33	5	41,67
	Matemática	7	58,33	4	33,33
	Metodologia Científica	3	25	0	0
	Português	6	50	3	25
	Teoria Geral da Administração II	6	50	2	16,67
3º semestre	Administração de Marketing I	12	100	11	91,67
	Administração de Organizações Sem Fins Lucrativos	3	25	3	25
	Administração Estratégica	11	91,67	10	83,33
	Contabilidade	8	66,67	5	41,67
	Matemática Financeira	9	75	5	41,67
	Organização, Sistemas e Métodos	8	66,67	5	41,67
4º semestre	Administração de Recursos Humanos	11	91,67	6	50
	Administração Pública	7	58,33	1	8,33
	Contabilidade Gerencial	6	50	7	58,33
	Estatística	7	58,33	5	41,67
	Projeto de Estágio e de Pesquisa em Administração	8	66,67	0	0
	Sistemas de Informação Gerencial	7	58,33	7	58,33
5º semestre	Administração da Produção I	8	66,67	2	16,67
	Administração de Marketing II	12	100	11	91,67
	Administração de Recursos Humanos	12	100	3	25
	Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais I	7	58,33	6	50
	Estágio Curricular Supervisionado I	8	66,67	3	25
	Negociação Empresarial	10	83,33	11	91,67
se me str	Administração da Produção II	10	83,33	4	33,33

	Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais II	8	66,67	3	25
	Administração Financeira e Orçamentária I	9	75	7	58,33
	Economia de Negócios	11	91,67	6	50
	Estágio Curricular Supervisionado II	6	50	2	16,67
	Filosofia	2	16,67	0	0
	Responsabilidade Social e Empresarial	9	75	5	41,67
7º semestre	Administração de Custos	11	91,67	7	58,33
	Administração de Serviços	12	100	6	50
	Administração Financeira e Orçamentária II	8	66,67	7	58,33
	Ciência Política	7	58,33	0	0
	Comunicação Empresarial	9	75	10	83,33
	Estágio Curricular Supervisionado III	7	58,33	2	16,67
	Gestão Ambiental	7	58,33	3	25
8º semestre	Análise de Investimentos	9	75	9	75
	Comércio Exterior	9	75	9	75
	Direito Empresarial e do Consumidor	12	100	6	50
	Estágio Curricular Supervisionado IV	7	58,33	3	25
	Ética Profissional e Empresarial	11	91,67	6	50
	Jogos Empresariais	5	41,67	4	33,33
	Legislação Tributária	7	58,33	5	41,67
	Mercado de Capitais	9	75	4	33,33
	Plano de Negócios	11	91,67	12	100